

VOXIUS

*Liberdade de Expressão
Acadêmica*

Panorama no Brasil

INSTITUTO SIVIS

VOXIUS

RELATÓRIO VOXIUS

*Liberdade de Expressão
Acadêmica
Panorama no Brasil*

INSTITUTO SIVIS



Sumário

Introdução	3
Sumário executivo.....	5
Apresentação da pesquisa com estudantes e professores	9
Pesquisa com estudantes.....	10
<i>Metodologia da pesquisa com os estudantes</i>	<i>10</i>
<i>Perfil dos estudantes</i>	<i>14</i>
<i>Ideologia predominante entre os estudantes.....</i>	<i>14</i>
<i>Identidade política</i>	<i>16</i>
<i>Dados a respeito da pesquisa com os estudantes</i>	<i>18</i>
<i>Percepção sobre a liberdade do discurso</i>	<i>18</i>
<i>Percepção sobre a autocensura</i>	<i>19</i>
<i>Relutância em discutir no ambiente acadêmico</i>	<i>24</i>
<i>Relutância em discutir sobre política</i>	<i>25</i>
<i>Possíveis retaliações</i>	<i>31</i>
<i>Priorização da Liberdade de Expressão.....</i>	<i>34</i>
<i>Papel da universidade.....</i>	<i>37</i>
<i>Cultura Democrática: Adesão à democracia e participação política.....</i>	<i>38</i>
<i>Percepção sobre a liberdade de expressão acadêmica dos docentes</i>	<i>42</i>
<i>Percepção de autocensura no ambiente acadêmico</i>	<i>43</i>
<i>Casos de retaliação.....</i>	<i>44</i>
<i>Temas nos quais há relutância para o debate.....</i>	<i>46</i>
<i>Autocensura dos alunos</i>	<i>47</i>
<i>Caminhos para o fortalecimento da pluralidade e da liberdade de expressão acadêmica.....</i>	<i>48</i>
Considerações finais.....	50
Referências.....	54

1.0

Introdução

A liberdade de expressão é um dos pilares fundamentais de uma democracia consolidada. Diante de um cenário marcado pela polarização e pelo avanço das tecnologias, temos enfrentado desafios legítimos para o fortalecimento democrático nos últimos anos, como a escassez de diálogo e tolerância, além da proliferação da desinformação. Esse ambiente hostil tem se revelado um obstáculo à pluralidade e à livre expressão de ideias.

Dados de uma pesquisa realizada pelo Instituto Sivis, em 2023, com a população brasileira, indicam que ao menos um terço dos brasileiros sente receio de expressar suas opiniões políticas com amigos, familiares ou nas redes sociais.

Diante desse cenário, o Instituto Sivis, por meio do Centro Voxius de Liberdade de Expressão, busca promover e proteger esse valor essencial através do diagnóstico aprofundado e da influência no debate público. Para isso, desenvolvemos pesquisas e relatórios que contribuem para a promoção da liberdade de expressão em todos os âmbitos da sociedade brasileira — inclusive no ambiente universitário.

A universidade é essencial para uma democracia saudável, pois é nela que deve ocorrer o debate plural, essencial não só para a busca pelo conhecimento, mas também para a elaboração de políticas públicas. Diante disso, é fundamental compreender como se encontra o clima de expressão nas universidades, a fim de identificar as oportunidades e os desafios que podem ser explorados para garantir que a pluralidade de ideias e um debate saudável se mantenham presentes.

A presente pesquisa, realizada em parceria com a FIRE (Foudation for Individuals Rights and Expression) e Future Of Free Speech, pretende retratar as principais percepções de estudantes de universidades públicas e privadas sobre o clima de liberdade de expressão na academia. Nesse sentido, os temas abordam a autocensura em diferentes contextos da universidade, as percepções sobre temas que geram relutância para discussão, além de compreender o papel que a universidade desempenha para esses estudantes, e outras questões como participação política e atitudes democráticas.

De maneira complementar, a pesquisa também realiza um esforço de compreender as percepções de uma pequena amostra de professores que já relatam desafios para a livre expressão e a pluralidade de ideias no ambiente acadêmico.

Ao analisar os principais achados da pesquisa, observa-se que, embora boa parte dos estudantes não identifique grandes obstáculos à livre expressão, uma parcela significativa relata episódios de autocensura e relutância em discutir certos temas nos espaços comuns da universidade.

Da mesma forma, ao examinar as entrevistas com professores — ainda que se trate de uma amostra reduzida, que não representa toda a população docente — nota-se um forte receio em se expressar, além de casos de repercussões negativas decorrentes da simples proposição de discursos dissidentes, mesmo quando fundamentados em dados e evidências.

A liberdade de expressão é um dos direitos inalienáveis. Embora somente uma parte de alunos e professores afirmem perceber barreiras para se expressar, esse problema não deve ser ignorado.

2.0

Sumário executivo

Percepção sobre liberdade do discurso controverso

- 62,8% dos estudantes acreditam que é muito provável ou provável que a reitoria defenderia o direito do palestrante de expressar suas opiniões, tendo em vista uma controvérsia sobre um discurso considerado ofensivo;
- 33,3% dos estudantes acreditam que é pouco ou nada provável que a reitoria defenderia o direito do palestrante de expressar suas opiniões, tendo em vista uma controvérsia sobre um discurso considerado ofensivo.

Percepção sobre a autocensura dos estudantes

- **47,7% dos estudantes** afirmam que evitaram discutir **assuntos controversos ou polêmicos** na sala de aula **ocasionalmente, muitas vezes ou sempre**.
- Desses estudantes, os que mais demonstraram esse comportamento são os alunos que se autointitulam de **centro** e os que assinalam posições mais à **esquerda** (centro-esquerda, esquerda e extrema-esquerda). No entanto, percebemos uma situação de **desconforto generalizada entre as diferentes ideologias**, inclusive pelos estudantes que não responderam sua ideologia política.
- 36% dos estudantes dizem se **autocensurar durante conversas com outros estudantes** na universidade ocasionalmente, muitas vezes ou sempre, tendo em vista os últimos 12 meses.
 - Entre eles, 43,1% se identificam com o centro, 34,3% com posições mais à direita e 29,9% com posições mais à esquerda.
- 41% dos estudantes dizem se **autocensurar durante conversas com professores** na universidade ocasionalmente, muitas vezes ou sempre, tendo em vista os últimos 12 meses.
 - Quando analisamos a ideologia, percebemos que pessoas de centro ainda dizem se autocensurar mais, com 42,3%. No entanto, estudantes com posições mais à esquerda também relatam esse comportamento (41,1%), enquanto 21,3% dos estudantes com posições mais à direita afirmam o mesmo.
- 40,7% dos estudantes dizem se **autocensurar durante discussões em sala de aula** ocasionalmente, muitas vezes ou sempre, tendo em vista os últimos

12 meses. Entre eles, 43% se identificam com o centro, 32% com posições mais à direita e 35,6% com posições mais à esquerda.

Relutância em discutir assuntos

Dentre uma variedade de temas controversos — como aborto, pessoas transgênero, sistema de cotas, religião, entre outros — **o tema 'política e eleições' foi aquele sobre o qual mais estudantes afirmaram sentir relutância em expressar suas opiniões honestamente.**

- **39,3%** dos estudantes afirmam que sentiriam algum **nível de relutância** em dar sua opinião honesta sobre política ou eleições

Se a discussão é na **sala de aula sobre política:**

- 42,4% dos estudantes afirmam que se sentiriam, em alguma medida, relutantes em expressar suas opiniões sobre **temas políticos controversos** durante discussões em sala de aula.
- Estudantes que se autodeclararam de **centro** são os que mais relatam essa relutância: 57,1% afirmam sentir algum grau de hesitação.

Possíveis retaliações

Também perguntamos para os estudantes caso dessem sua opinião sincera sobre algum dos temas controversos citados durante uma aula, se ficariam preocupados com algumas consequências:

- **42,5%** dos estudantes disseram que **outros estudantes iriam discordar ou querer debater. No entanto, 27% afirmaram** que outros **estudantes fariam comentários críticos sobre ele depois da aula** caso dessem sua opinião honesta sobre alguns dos temas controversos citados.

Além disso, quase metade dos estudantes afirmaram que teriam relutância em emitir uma **opinião política nas redes sociais:**

- 48,9% afirmam que se sentiriam em alguma medida relutantes ao expressar uma opinião política impopular para seus colegas de turma em uma conta de mídia social vinculada ao seu nome. Sendo que 21,7% relatam que se sentiriam **muito relutantes**.
 - Estudantes que se autodeclararam de **centro**, novamente, são os que mais relatam essa relutância: 52,9% afirmam sentir algum grau de hesitação.
- Quase 50% dos estudantes afirmaram que não se preocupa com retaliações vindas dos professores.

Os dados indicam que os alunos demonstram maior preocupação com julgamentos, críticas e consequências sociais vindas de seus pares, como o risco de comentários negativos, prejuízo em amizades ou exposição nas redes sociais, do que com eventuais reações formais ou institucionais por parte do corpo docente.

Priorização da liberdade de expressão

- Para 49,3% dos estudantes, aumentar a **participação do povo nas decisões importantes do governo deve ser a prioridade.**
- Apenas 17,6% dos estudantes consideram que o objetivo mais importante da nação é **proteger a liberdade de expressão.**

Ideologia dos estudantes

Percebe-se que a ideologia predominante no ambiente acadêmico são aquelas mais associadas à **esquerda**. No entanto, é importante salientar que uma parte considerável dos alunos não respondeu ou não sabe sua ideologia. Os dados detalham essa situação:

- 46,9% dos estudantes se autodeclararam de **esquerda, centro-esquerda ou extrema-esquerda**
- 26,3% dos estudantes se autodeclararam de **direita, centro-direita ou extrema-direita**
- 16,7% dos estudantes se autodeclararam de **centro**
- 10,2% não responderam

Adesão à democracia

- Embora cerca de 80% dos estudantes digam que preferem a democracia, na prática somente um pouco mais da metade possui um compromisso mais forte com o regime democrático.

Participação política

- Um ponto de atenção importante, especialmente no contexto da liberdade de expressão, é a baixa frequência com que os estudantes participam de debates políticos em redes sociais ou na internet em geral – com 58,1% afirmando que nunca o fazem. Esse dado pode refletir não apenas desinteresse, mas também um ambiente percebido como hostil para a expressão de opiniões políticas, o que dialoga com os demais achados da pesquisa sobre relutância em expressar ideias em ambientes acadêmicos.

Papel da universidade

- Dentre uma série de opções de múltipla escolha, boa parte dos alunos (85,8%) acredita que o propósito da universidade é o de **fornecer formação e qualificação profissional**.
- **A busca pela verdade e a produção pelo conhecimento** é somente a quarta opção mais escolhida (43,9%).

Entrevista com docentes:

- Os dez docentes entrevistados relataram algum nível de relutância ou de autocensura ao se expressar no ambiente acadêmico ou em redes sociais vinculadas ao seu nome.
- Seis dos dez professores relataram que passaram por casos de retaliações, mencionando episódios que resultaram em denúncias anônimas feitas por estudantes ou em processos administrativos. Em dois casos, culminando no afastamento do docente em questão.
- Dentre os principais temas sobre os quais os discentes relatam relutância para um debate livre e respeitoso e baseado em evidências, destacam-se: a questão do transativismo, questões raciais, a pandemia — como a discussão do passaporte vacinal e do uso de máscaras —, e bibliografias apresentadas nas ementas.

3.0

Apresentação da pesquisa com estudantes e professores

O relatório está dividido em três principais seções: **(1) Pesquisa com estudantes:** apresenta a metodologia e os procedimentos de coleta de dados quantitativos, representativos da população estudantil, além dos principais resultados obtidos; **(2) Pesquisa com professores:** traz os principais achados de 10 entrevistas realizadas com docentes de diferentes regiões do Brasil, sendo a maioria de universidades públicas e um de universidade privada; **(3) Considerações finais:** traz as principais conclusões e caminhos práticos para o fortalecimento da liberdade de expressão acadêmica no Brasil.

4.0

Pesquisa com estudantes

Metodologia da pesquisa com os estudantes

Visando compreender o clima de expressão nas universidades brasileiras, utilizamos metodologias renomadas já aplicadas em outros países, como a da FIRE (Foundation for Individual Rights and Expression) e do *Campus Expression Survey*. Essas adaptações metodológicas nos permitem realizar uma análise comparativa e aprofundada sobre os desafios à liberdade de expressão no contexto universitário brasileiro.

A partir desta pesquisa, buscamos compreender alguns pontos principais, dentre eles: como os estudantes percebem a autocensura; se a ideologia exerce algum papel nesse comportamento, (por exemplo, se determinadas correntes ideológicas se autocensuram mais do que outras); quais são os principais temas em que se percebe relutância para discussão; se há receio de retaliação vindos dos colegas ou de professores; e, por fim, as percepções dos estudantes sobre sua própria identidade e o papel da universidade.

A coleta dos dados foi realizada de forma presencial em 23 cidades, tanto em capitais quanto no interior, abrangendo todas as regiões do Brasil. Ao todo, 1.092 entrevistas foram feitas ao longo de 10 dias de coleta no mês de maio de 2025.

A amostra foi probabilística e desenhada com o objetivo de representar adequadamente a população estudantil. Por isso, foi feita uma estratificação por região, tipo de instituição (pública ou privada) e área do conhecimento (humanas, exatas e saúde), considerando um universo de 5.063.936 alunos.

Em termos da distribuição por região, a população de estudantes está concentrada na região sudeste. Por isso, optamos por realizar uma amostra não proporcional, incluindo mais estudantes do Norte e Centro Oeste.

Tabela 1 - Frequência por Região

Região	Frequência	Porcentagem
Centro-Oeste	133	12,2%
Nordeste	257	23,5%
Norte	129	11,8%
Sudeste	414	38%
Sul	159	14,5%
Total	1092	100%

A distribuição por áreas de conhecimento também foi não proporcional, a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas é a predominante, sendo assim, optamos por incluir mais estudantes das áreas de Ciências Exatas e Biológicas.

Tabela 2 - Frequência por Área de Conhecimento

Área de Conhecimento	Frequência	Porcentagem
Ciências Exatas ou da Terra	272	25%
Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	503	46%
Ciências Biológicas ou da Saúde	317	29%
Total	1092	100%

Por fim, apresentamos a seguir a distribuição entre instituições públicas e privadas, com uma leve predominância de universidades públicas:

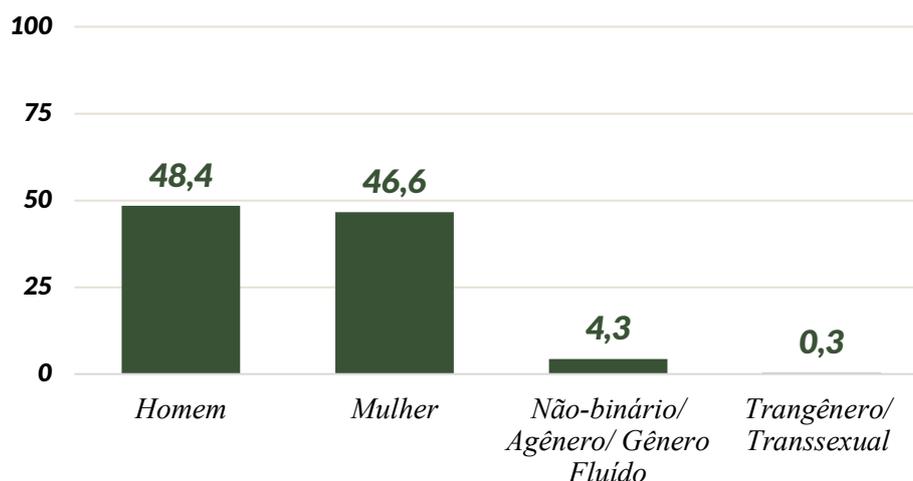
Tabela 3 - Frequência por instituição pública x privada

Instituição	Frequência	Porcentagem
Pública	593	54,3%
Privada	499	45,7%
Total	1092	100%

A seguir, apresentamos a caracterização sociodemográfica dos estudantes entrevistados, em termos de gênero, cor/raça, religião e renda, além do perfil dos discentes em termos de ideologia e identidade.

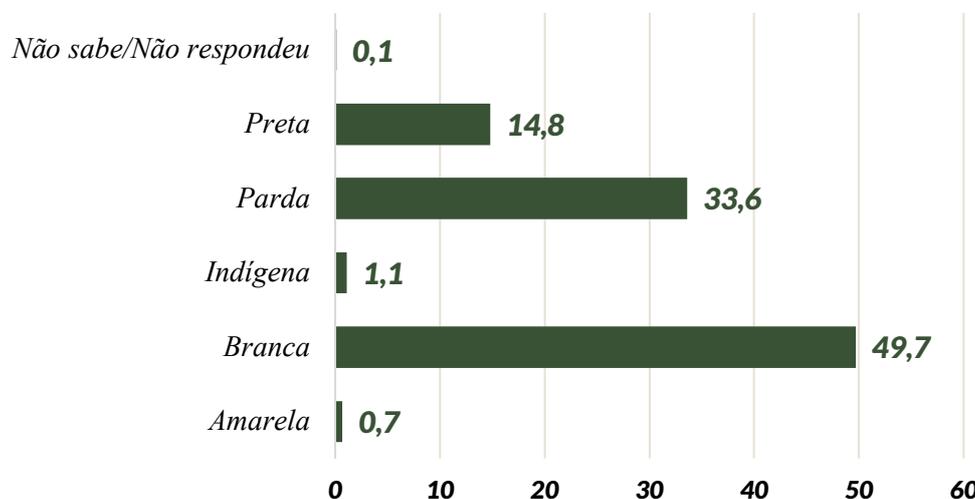
No que diz respeito ao gênero dos estudantes, 48,4% se identificam como homens, 46,6%, mulheres, 4,3% assinalaram serem não-binário, agênero ou gênero fluido, e somente 0,3% dos estudantes disseram ser transgênero ou transexuais.

Gráfico 1 - Distribuição de gênero (%)



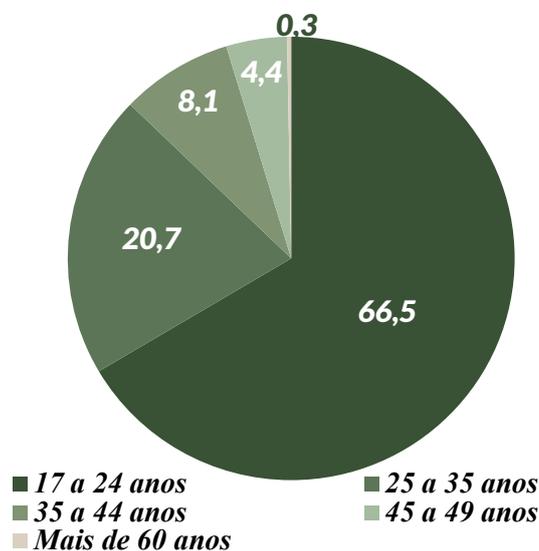
Em relação à cor ou raça autodeclarada, observamos que a maior parte da amostra se considera branca (49,7%). Em seguida, 33,6% dos estudantes se auto-declaram pardos, 14,8% pretos, 1,1% indígenas e 0,7% amarelos.

Gráfico 2 - Raça e/ou cor autodeclaradas (%)



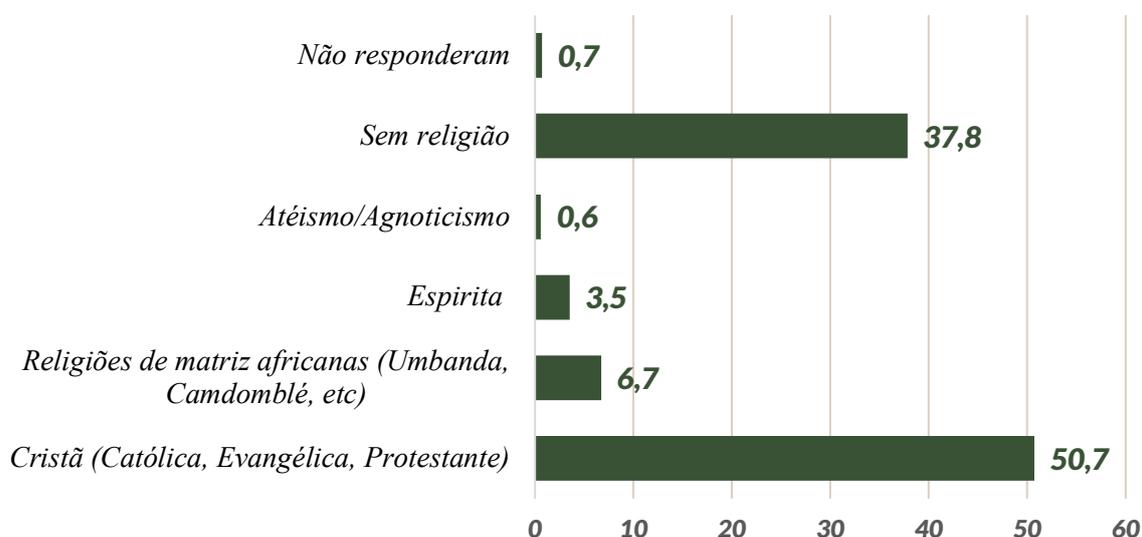
No que diz respeito à faixa etária, a maior parte dos estudantes (66,5%) tem entre 17 e 24 anos. Estudantes de 25 a 35 anos correspondem a 20,7% da amostra, aqueles entre 35 e 45 anos representam 8,7%, enquanto os com mais de 45 anos somam 4,7%.

Gráfico 3 - Faixa etária dos estudantes (%)



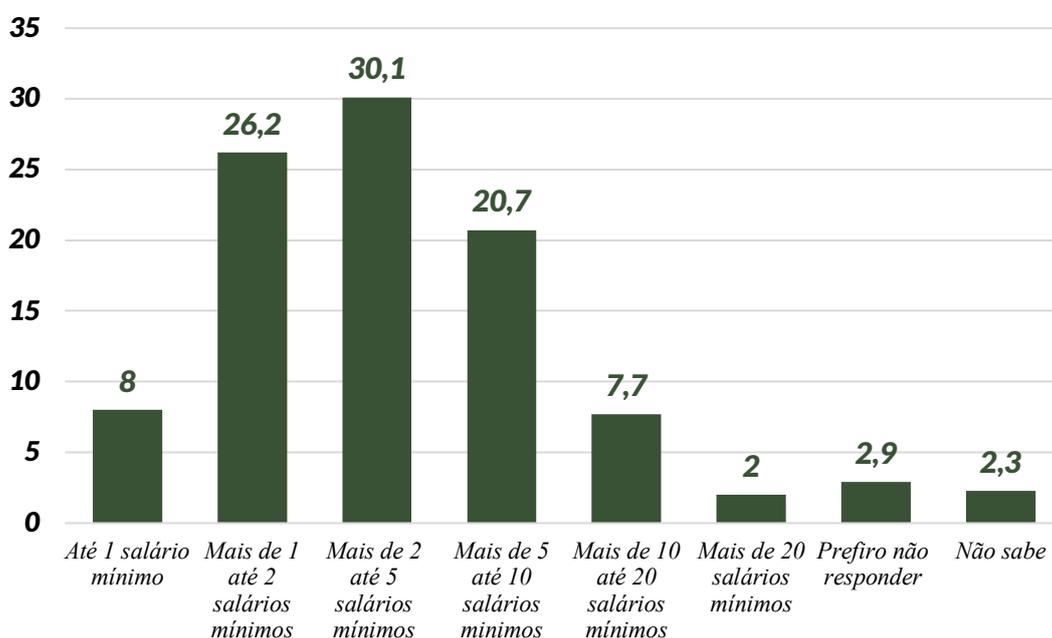
Perguntamos também sobre a religião dos estudantes, e mais da metade se autodeclarou cristã, incluindo católicos, evangélicos ou protestantes. Já 37,8% dos estudantes afirmaram não ter religião, enquanto 6,7% declararam seguir religiões de matriz africana (como candomblé e umbanda), 3,5% se identificaram como espíritas e 0,6% como ateus ou agnósticos.

Gráfico 4 - Distribuição de religião autodeclarada (%)



Com base nos dados apresentados, observa-se que a maioria dos estudantes da amostra pertence a famílias com renda de até 5 salários-mínimos. Especificamente, 8% declararam renda familiar de até 1 salário-mínimo, 26,2% entre 1 e 2 salários-mínimos, e 30,1% entre 2 e 5 salários-mínimos. Já 20,7% relataram renda entre 5 e 10 salários-mínimos, enquanto faixas mais altas – como de 10 a 20 salários-mínimos e acima de 20 – representam 7,7% e 2%, respectivamente. Além disso, 2,9% preferiram não responder e 2,3% afirmaram não saber. Esses dados indicam que a maior parte da amostra está concentrada em estratos de renda baixa e média-baixa.

Gráfico 5 – Distribuição da faixa de renda dos estudantes (%)



Perfil dos estudantes

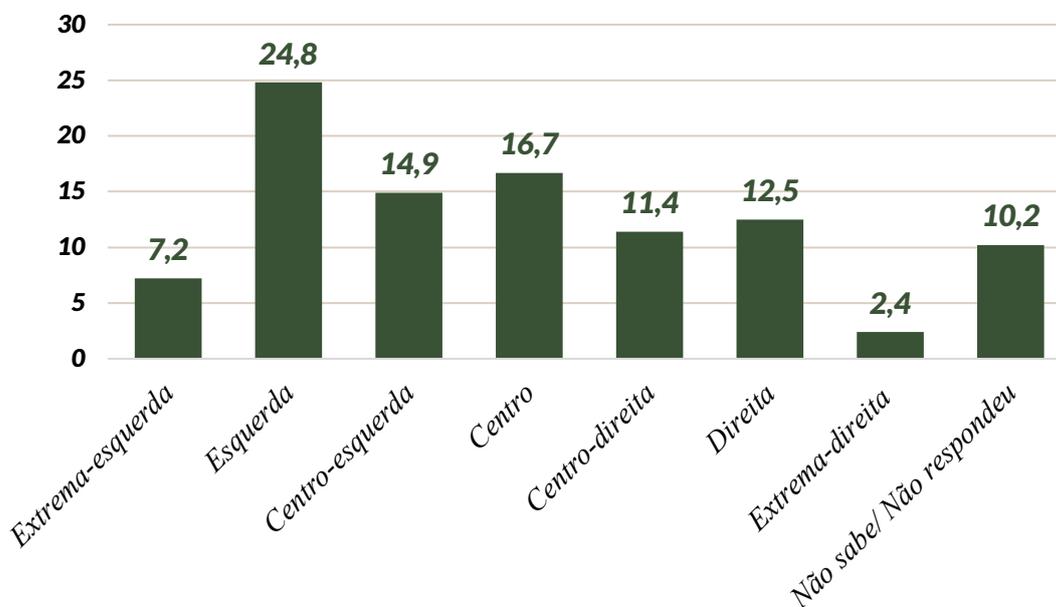
Na seção a seguir, buscamos compreender o perfil desses estudantes no que se refere aos critérios que consideram importantes para a construção de sua identidade, bem como à sua orientação ideológica. Esses dados são relevantes, pois oferecem subsídios importantes para análises, sobretudo, contexto para alguns dos achados desta pesquisa.

Ideologia predominante entre os estudantes

Como parte do esforço para compreender o perfil dos estudantes, apresentamos a forma como eles se distribuem em termos de orientação ideológica. Essa dimensão é fundamental para interpretar percepções sobre democracia, liberdade

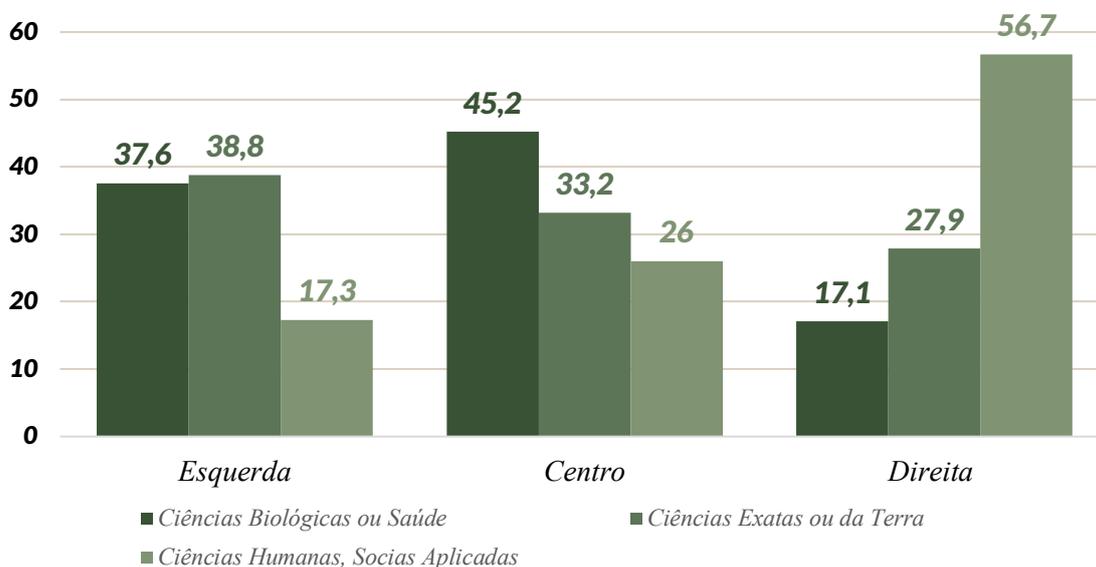
de expressão e participação política, pois diferentes posicionamentos ideológicos podem influenciar tanto a maneira como os indivíduos compreendem o papel das instituições quanto os valores que priorizam na vida pública.

Gráfico 6 - Frequência da ideologia dos estudantes (%)



Percebe-se que as ideologias predominantes no ambiente acadêmico são aquelas mais associadas à esquerda. Os dados detalham essa situação: **46,9% dos estudantes** se autodeclararam de **esquerda, centro-esquerda ou extrema-esquerda**; **26,3%** se identificam como **direita, centro-direita ou extrema-direita**; **16,7%** se autodeclararam de **centro**; e **10,2%** não responderam ou não sabem.

Gráfico 7 - Frequência da ideologia por áreas de conhecimento (%)



Percebemos que também há diferenças significativas quando analisamos os dados por área de conhecimento. Estudantes de Ciências Biológicas ou da Saúde se autodeclararam majoritariamente de centro (45,2%), com uma tendência relevante para posições à esquerda (37,6%); apenas 17,1% se identificam com posições à direita. Já entre os estudantes de Ciências Exatas ou da Terra, predomina a identificação com a direita (38,8%), seguidos pelos que se posicionam ao centro (33,2%); 27,9% se declaram à esquerda. Por fim, os estudantes das áreas de Humanas e Sociais Aplicadas se autodeclararam majoritariamente de esquerda (56,7%), seguidos pelos que se identificam com o centro (26%), sendo que apenas 17,3% se posicionam à direita.

Em síntese, observa-se que a ideologia predominante entre os estudantes universitários tende a posições mais associadas à esquerda, embora exista, de certa maneira, diversidade de posicionamentos, incluindo uma parcela que se identifica com o centro ou com a direita.

Além disso, é relevante destacar que pelo menos 10% dos estudantes não souberam ou preferiram não declarar sua ideologia, o que pode apontar para possíveis inseguranças na autoidentificação política.

Identidade política

Para compreender melhor o perfil dos estudantes, realizamos uma bateria de perguntas sobre conceitos que eles consideram importantes para sua identidade. As respostas foram dadas em uma escala de 1 a 5, sendo 1 "nada importante" e 5 "extremamente importante". No gráfico abaixo, compilamos os principais resultados relacionados aos elementos que os estudantes consideram como muito importantes ou extremamente importantes para sua identidade.

Gráfico 8 – Frequência dos itens que os estudantes acreditam serem muito ou extremamente importante para sua identidade (%)



Os dados mostram que os aspectos mais valorizados pelos estudantes na construção de sua identidade pessoal são os lugares onde viveram (70,4% consideraram esse item "muito" ou "extremamente importante") e o fato de serem cidadãos de seu país (58,3%).

Outro aspecto fortemente valorizado é a orientação política, considerada "muito" ou "extremamente importante" por 50,6% dos estudantes, o que pode indicar um grau relevante de politização entre os respondentes. Da mesma forma, a semelhança com outras pessoas do(s) seu(s) grupo(s) (48,4%), a religião (45,4%) e o senso de pertencimento ao grupo racial (45,3%) aparecem com importância significativa, ainda que em patamares um pouco mais baixos.

Isso pode apontar que, embora marcadores identitários ligados a características pessoais e sociais estejam presentes na definição de si, eles não são, para a maioria, os principais elementos estruturantes da identidade. Em vez disso, os dados sugerem que muitos estudantes atribuem maior importância a fatores como experiências vividas (como os lugares onde viveram), pertencimento nacional e posicionamento político, o que pode refletir uma identidade mais voltada à trajetória individual, vínculos territoriais e engajamento ideológico, do que exclusivamente às categorias identitárias tradicionais.

Dados a respeito da pesquisa com os estudantes

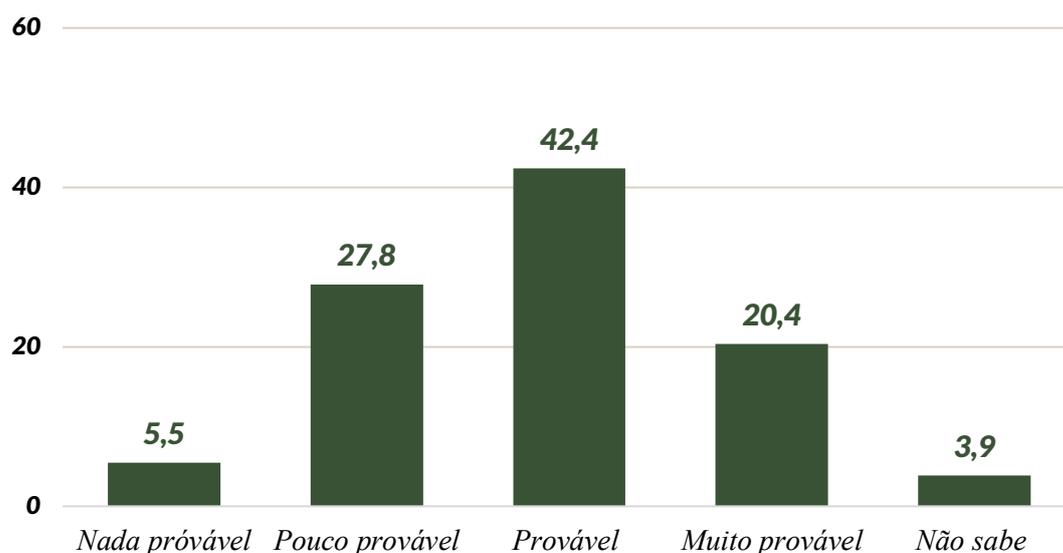
Nesta seção, reunimos os principais resultados relacionados ao clima de expressão nas universidades atualmente, especialmente no que se refere à liberdade de expressão acadêmica, à percepção de autocensura e à relutância em discutir determinados assuntos — seja por receio da reação dos professores ou dos próprios colegas. Além disso, também perguntamos aos estudantes sobre o papel da universidade e sobre suas atitudes democráticas.

Dessa maneira, a seção de resultados está organizada em seis eixos: (1) percepção sobre a liberdade de discurso; (2) autocensura e relutância em discutir determinados assuntos; (3) percepção sobre retaliações; (4) priorização de valores pós-materiais, dentre eles a liberdade de expressão; papel da universidade (5) e (6) fatores relacionados à cultura democrática.

Percepção sobre a liberdade do discurso

Adentrando na temática da liberdade de expressão acadêmica, buscamos entender o quanto um discurso controverso poderia ser tolerado pela reitoria da universidade conforme a percepção dos alunos. Assim, perguntamos qual seria a provável ação da reitoria diante de uma palestra sobre um tema polêmico, como a defesa do sistema de cotas raciais ou de gênero, ou a proibição do uso de pronomes neutros.

Gráfico 9 – Se uma controvérsia sobre um discurso considerado ofensivo ocorresse na sua universidade, qual a probabilidade da reitoria defender o direito do palestrante de expressar suas opiniões? (%)



Os dados mostram que 62,8% dos estudantes acreditam que é muito provável ou provável que a reitoria defenderia o direito do palestrante de expressar suas opiniões, mesmo diante de uma controvérsia sobre um discurso considerado ofensivo. No entanto, 33,3% dos estudantes acreditam que é pouco ou nada provável que a reitoria tomaria tal posição.

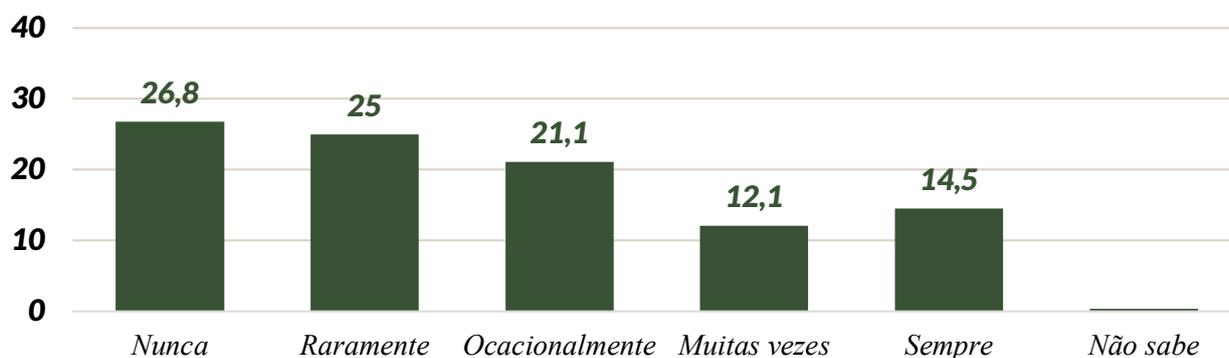
Portanto, embora a maioria acredite que a universidade protegeria a liberdade de expressão, há uma parcela considerável — cerca de um terço — que demonstra desconfiança em relação ao compromisso institucional com esse direito. Essa percepção pode refletir dúvidas sobre a imparcialidade da universidade diante de pressões sociais, políticas ou ideológicas, além de apontar para um possível enfraquecimento da confiança dos estudantes em relação à neutralidade e autonomia da reitoria. A existência desse grau de ceticismo sugere a necessidade de uma comunicação mais clara por parte das instituições sobre seus princípios e limites quanto à liberdade acadêmica e de expressão, especialmente em contextos controversos.

Percepção sobre a autocensura

A autocensura é um problema crescente, especialmente em uma sociedade afetivamente polarizada. A pesquisa sobre liberdade de expressão, realizada com a população geral em 2023 pelo Instituto Sivis, mostra que pelo menos um terço dos brasileiros tem receio de expressar suas opiniões políticas, seja com amigos, familiares ou nas redes sociais. Quando se trata do ambiente acadêmico, esse cenário exige atenção especial, considerando que a universidade deveria ser, por excelência, um espaço de debate e pluralidade de ideias voltado à construção do conhecimento.

Em relação à autocensura, esta pesquisa mostra dados preocupantes. Primeiro, perguntamos com qual frequência, se alguma, os estudantes evitavam dar suas opiniões em determinados contextos das universidades.

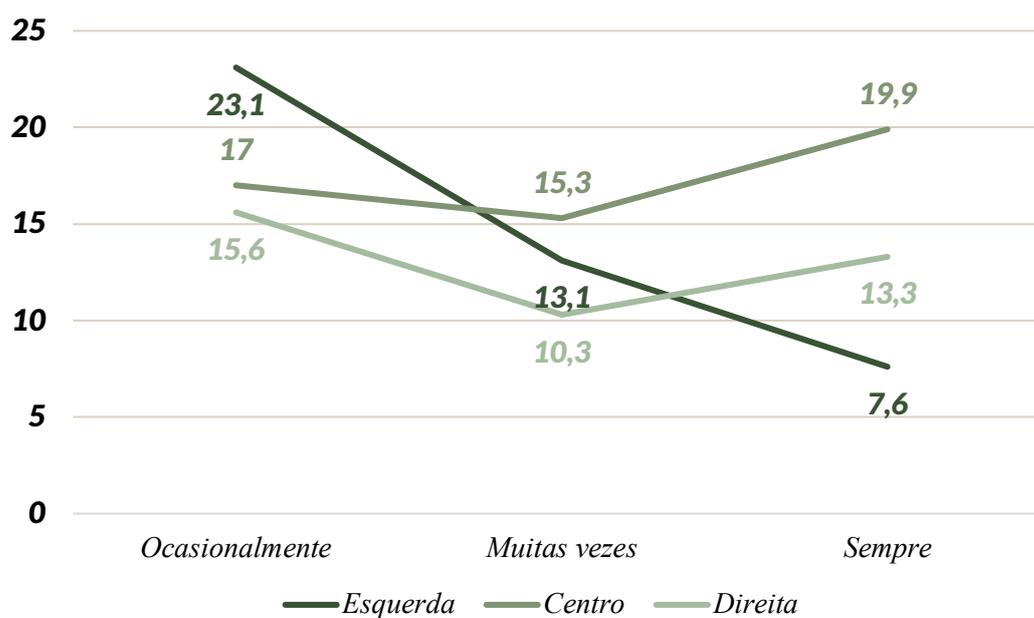
Gráfico 10 – Frequência que evitou discutir assuntos controversos na sala de aula nos últimos 12 meses (%)



Embora cerca de 51,8% dos estudantes relatem nunca ou raramente evitar discutir esses assuntos em sala de aula, os dados mostram que **47,7% dos estudantes evitaram debater assuntos controversos ou polêmicos** na sala de aula **ocasionalmente, muitas vezes ou sempre nos últimos 12 meses**.

Desses estudantes, os que mais demonstraram esse comportamento são os que se autointitulam de centro (52,2%) e os que assinalam posições mais à esquerda (43,8%) (centro-esquerda, esquerda e extrema-esquerda). No entanto, **percebemos uma situação de desconforto generalizada entre as diferentes ideologias**, com 39,2% de estudantes com posições mais à direita assinalando a opção. Vale ressaltar que as ideologias de centro e direita possuem uma frequência maior na alternativa “sempre”, em relação às ideologias mais à esquerda.

Gráfico 11 – Frequência por ideologia que evita discutir assuntos políticos controversos em sala de aula (%)

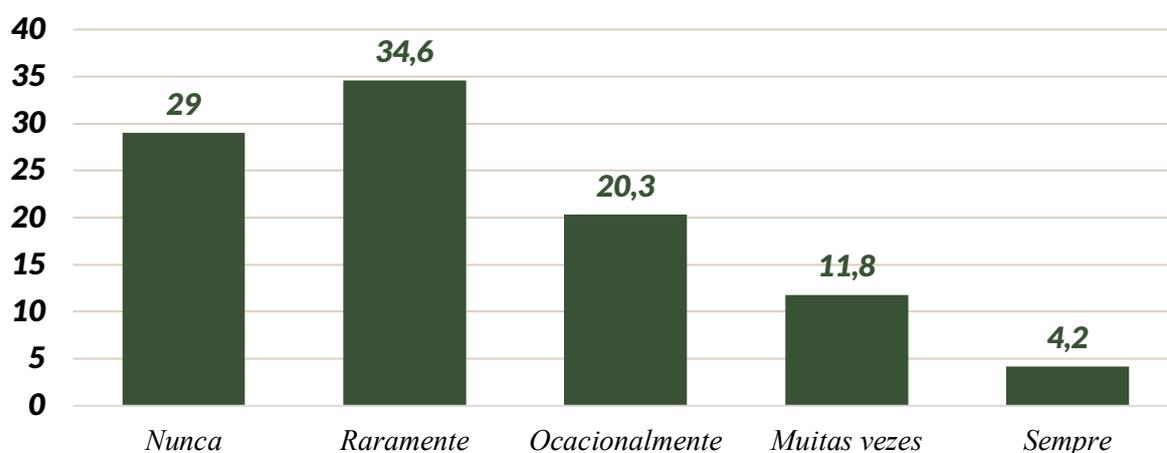


Depois disso, apresentamos a definição de **autocensura**, que consiste em abster-se de compartilhar certas opiniões por medo de consequências, sejam elas sociais (por exemplo, exclusão de eventos sociais), profissionais (por exemplo, perda do emprego ou promoção), legais (por exemplo, processo judicial ou multa) ou violentas (por exemplo, agressão), seja presencial ou remotamente (por telefone ou online), e independentemente de essas consequências virem do Estado ou de outras fontes.

Perguntamos com qual frequência, se alguma, os estudantes realizam a autocensura durante conversas com outros estudantes, durante conversas com professores e durante discussões em sala de aula.

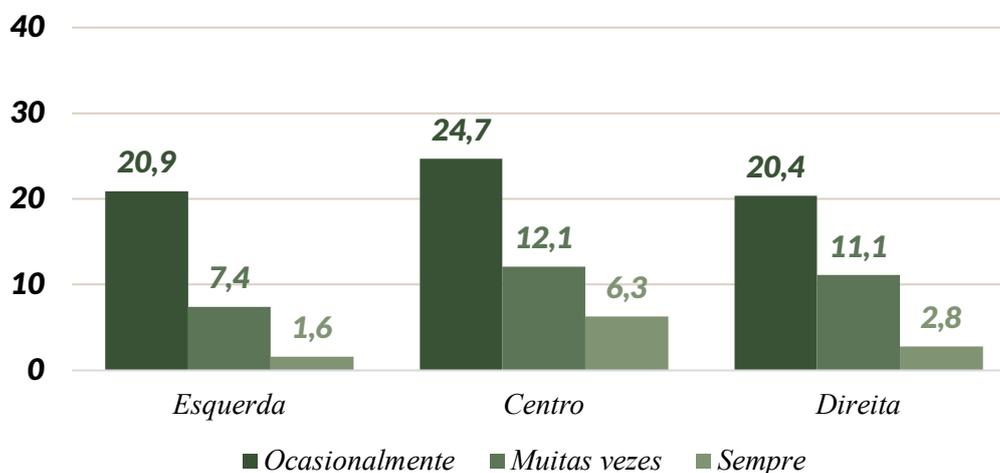
Os dados mostram que boa parte dos estudantes (63,6%) afirmaram que nunca ou raramente se autocensuram durante conversas com outros estudantes. **No entanto, um dado preocupante é que 36,3% dos estudantes dizem se autocensurar em conversas com outros estudantes** ocasionalmente, muitas vezes ou sempre, tendo em vista os últimos 12 meses.

Gráfico 12 - Frequência de autocensura durante conversas com outros estudantes (%)



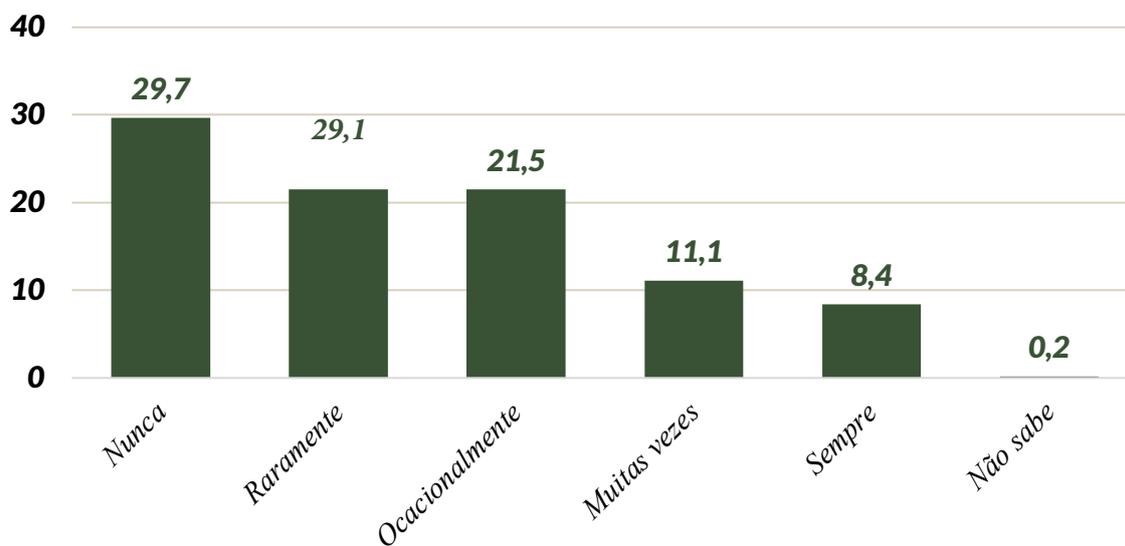
Ao observarmos a ideologia, percebemos que dentre os que dizem se autocensurar ocasionalmente, muitas vezes ou sempre, 43,1% se identificam com o centro, 34,3% com posições mais à direita e 29,9% com posições mais à esquerda.

Gráfico 13 - Frequência da autocensura em conversas com estudantes por ideologia (%)



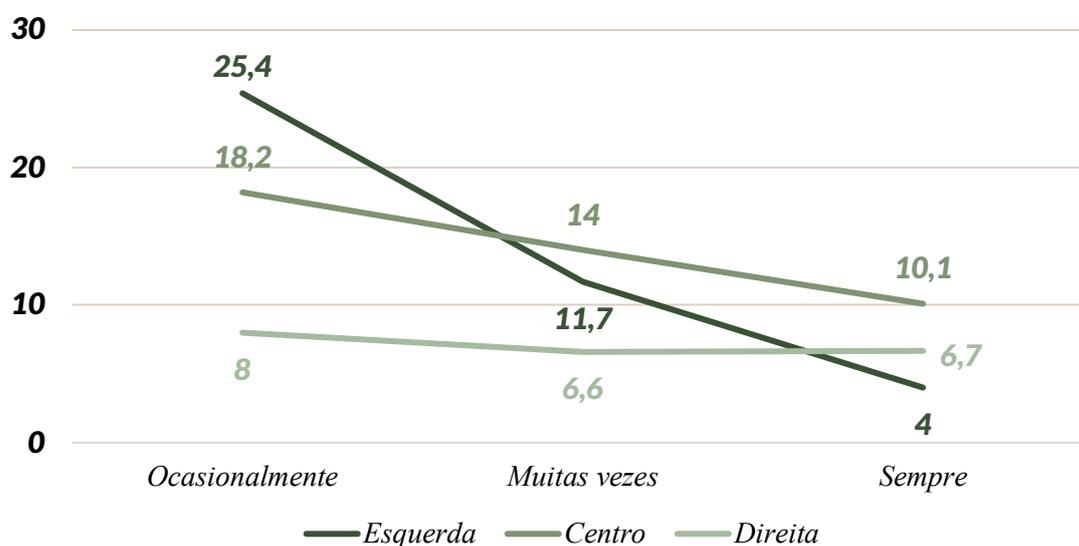
Já no caso de conversas com professores, os dados mostram que 58,8% dos estudantes nunca ou raramente se autocensuram. Mas novamente, um dado preocupante se revela: **41% dos estudantes dizem se autocensurar ocasionalmente, muitas vezes ou sempre, tendo em vista os últimos 12 meses.**

Gráfico 14 - Frequência da autocensura em conversas com professores (%)



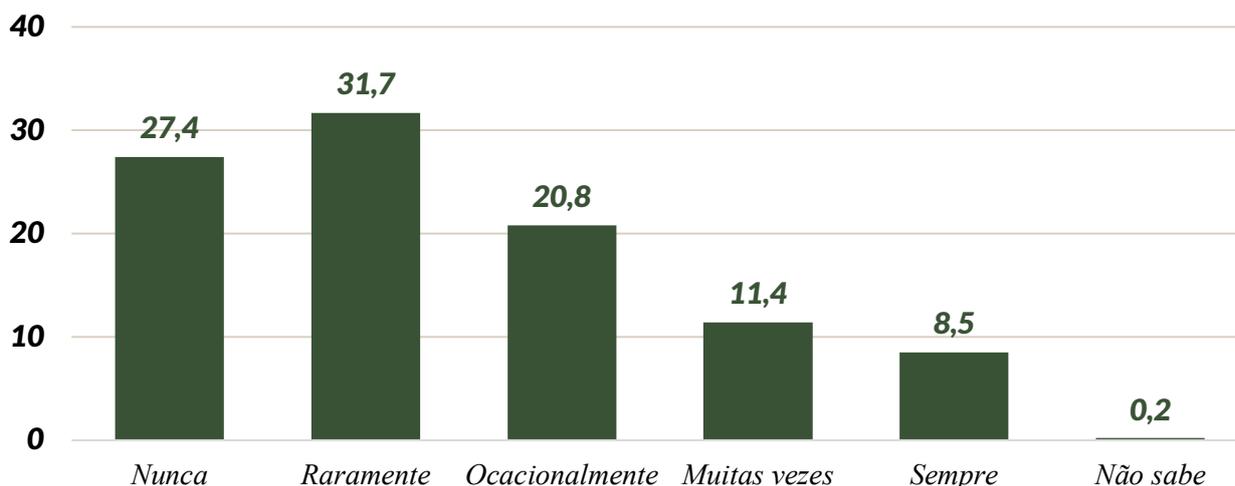
Quando analisamos a ideologia, percebemos que pessoas de centro ainda dizem se autocensurar mais, com 42,3%. No entanto, estudantes com posições mais à esquerda também relatam esse comportamento (41,1%), enquanto 21,3% dos discentes com posições mais à direita afirmam o mesmo.

Gráfico 15 - Autocensura em discussões com professores por ideologia (%)



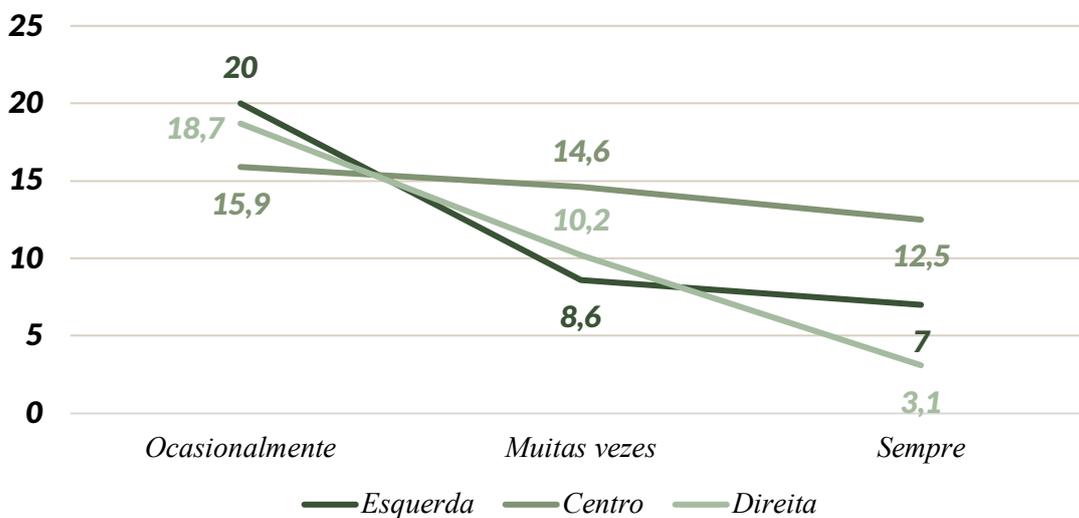
Por fim, em relação à autocensura durante discussões em sala de aula, 59,1% dos estudantes afirmam que nunca ou raramente ingressam neste tipo de autocensura. Porém, os dados também mostram que **40,7% dos estudantes dizem se autocensurar durante discussões em sala de aula ocasionalmente, muitas vezes ou sempre, tendo em vista os últimos 12 meses.**

Gráfico 16 - Frequência da autocensura durante discussões em sala de aula (%)



Entre os 40% dos estudantes que afirmam se autocensurar de maneira frequente, 43% se identificam com o centro, 32% com posições mais à direita e 35,6% com posições mais à esquerda. **Os alunos com posições mais ao centro apresentam uma tendência maior de se autocensurar sempre, é o que o gráfico 15 aponta:**

Gráfico 17 - Frequência da autocensura em discussões em sala de aula por ideologia (%)



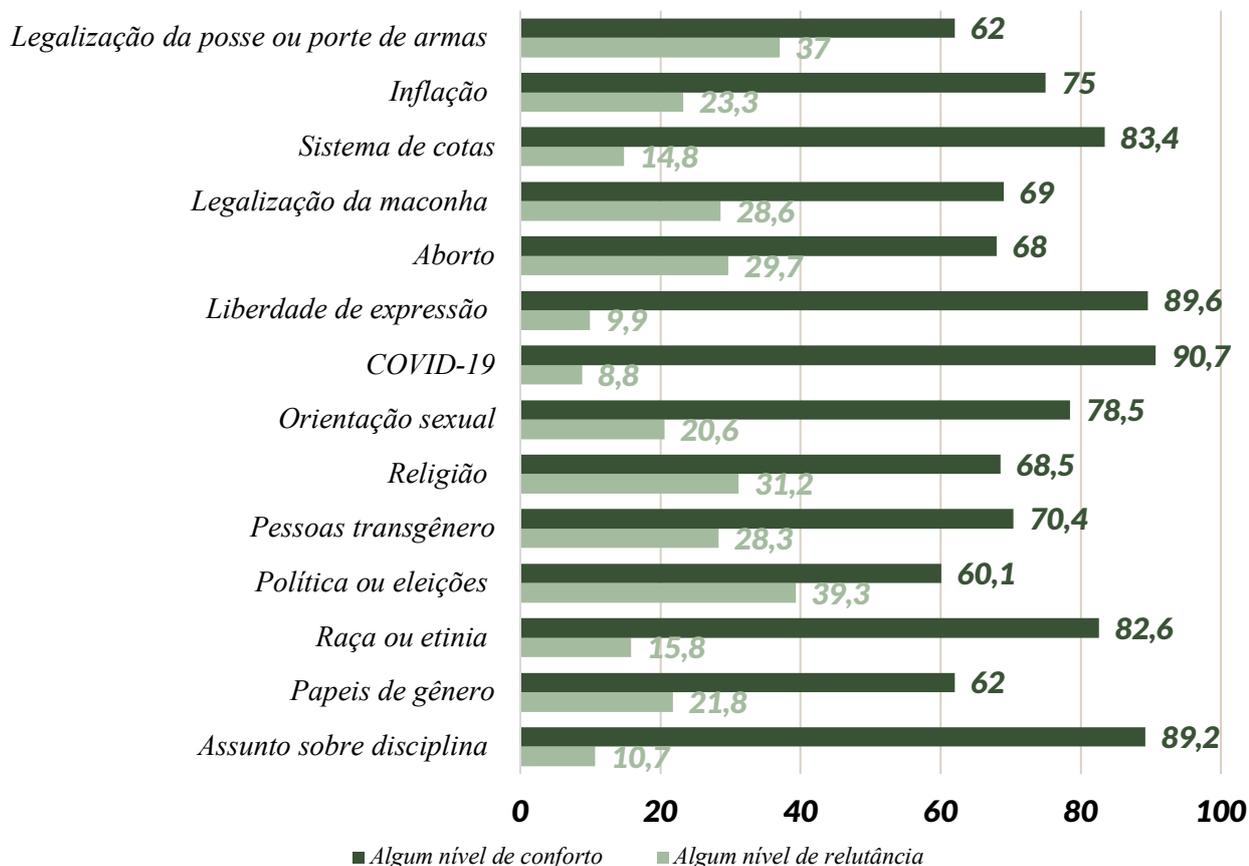
Diante disso, observamos dados preocupantes sobre a percepção de autocensura entre os estudantes, que atravessa todo o espectro ideológico, mas é especialmente acentuada entre aqueles com posições mais ao centro. Esse fenômeno pode estar relacionado ao receio de serem rotulados, sobretudo em uma sociedade cada vez mais marcada pela polarização ideológica e afetiva.

Embora boa parte dos estudantes relatem que nunca ou raramente ingressam em autocensura, o fato de mais de um terço afirmar que se abstém de expressar suas opiniões em diversos âmbitos de discussão dentro da universidade, por receio de sofrerem pressões sociais, psicológicas, entre outros, é muito preocupante para a saúde do debate acadêmico.

Relutância em discutir no ambiente acadêmico

Para compreender com maior profundidade o clima de expressão nas universidades e a extensão da autocensura, segundo a percepção dos próprios estudantes, perguntamos em que medida eles se sentiam relutantes ou confortáveis em expressar suas opiniões honestas sobre temas frequentemente considerados polêmicos ou controversos, como aborto, legalização de drogas, política, entre outros.

Gráfico 18 - Frequência da relutância ou conforto em dar opiniões honestas sobre os assuntos destacados (%)



De maneira geral, percebe-se que os estudantes demonstram um nível considerável de conforto ao discutir a maioria dos assuntos em sala de aula. A primeira pergunta abordava a relutância em expressar opiniões honestas sobre temas diretamente ligados à disciplina, e os dados mostram que quase 90% dos alunos se sentem confortáveis ao tratar desse tipo de conteúdo. Esse dado é relevante porque serve como uma espécie de linha de base, uma vez que consiste em um tema pouco controverso, sobre o qual se espera que os estudantes se expressem com mais naturalidade.

A partir dessa referência, é possível observar que outros temas também apresentam altos índices de conforto para discussão como: Covid-19 (90,7%), liberdade de expressão (89,6%), raça e etnia (82,6%) e sistema de cotas (83,4%). Esses números indicam que tais assuntos, embora socialmente relevantes e potencialmente delicados, têm sido discutidos com certa abertura pelos estudantes.

Temas como orientação sexual (78,5%) e inflação (75%) também apresentam níveis elevados de conforto, embora ligeiramente inferiores. Ainda assim, os percentuais sugerem que esses assuntos não despertam relutância significativa, e estão próximos, em termos de percepção, ao próprio conteúdo da disciplina.

No entanto, ao analisarmos outros temas, começamos a identificar sinais mais preocupantes, especialmente no que diz respeito à discussão sobre **política e eleições**, que aparece como o tema com maior índice de relutância: **39,3% dos estudantes relatam algum nível de desconforto ao expressar suas opiniões honestas sobre o assunto.**

Outros temas também apresentam percentuais relevantes de relutância, como a legalização da posse ou porte de armas (37%), aborto (29,7%), legalização da maconha (28,6%) e questões relacionadas a pessoas transgênero (28,3%).

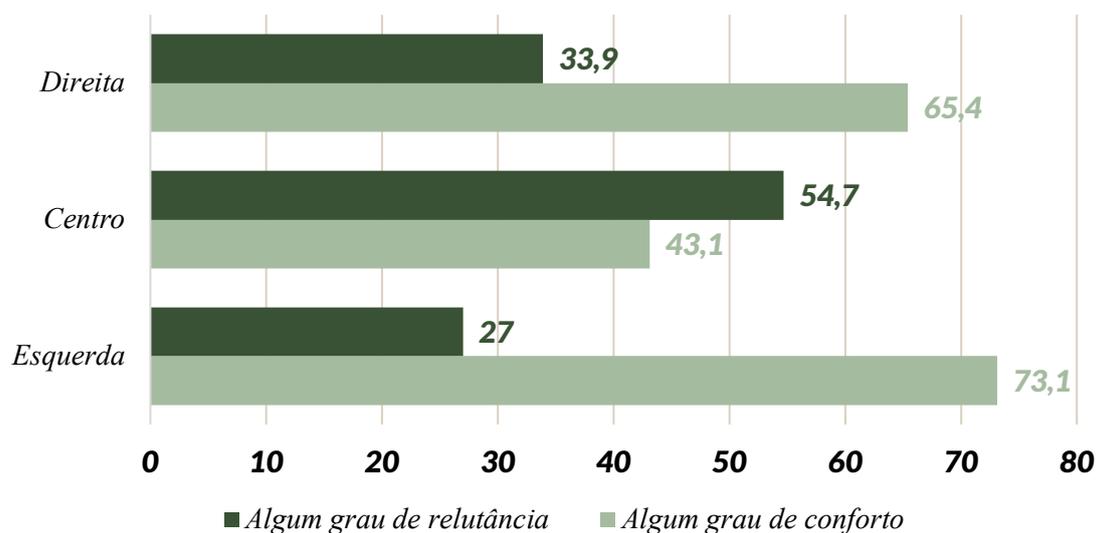
Esses dados revelam que, em muitos desses temas, cerca de um terço dos estudantes não se sente à vontade para compartilhar suas opiniões honestas em sala de aula. A situação é especialmente crítica no caso da política.

Relutância em discutir sobre política

Entendemos que a política é um tema complexo e que pode gerar receio na hora de ser discutido, especialmente em um contexto de polarização afetiva, no qual pode haver um sentimento de animosidade pelo grupo de oposição. Por isso, buscamos entender melhor como se manifesta essa relutância, a partir de uma análise da orientação ideológica dos estudantes, bem como da disposição em discutir temas políticos com professores, colegas e nas mídias sociais.

Desta maneira, ao analisar os dados segundo a orientação ideológica dos estudantes, percebe-se uma variação significativa nos níveis de relutância e conforto em discutir política ou eleições com suas opiniões honestas em sala de aula.

Gráfico 19 – Frequência da relutância ou conforto em discutir sobre política e eleições por ideologia (%)



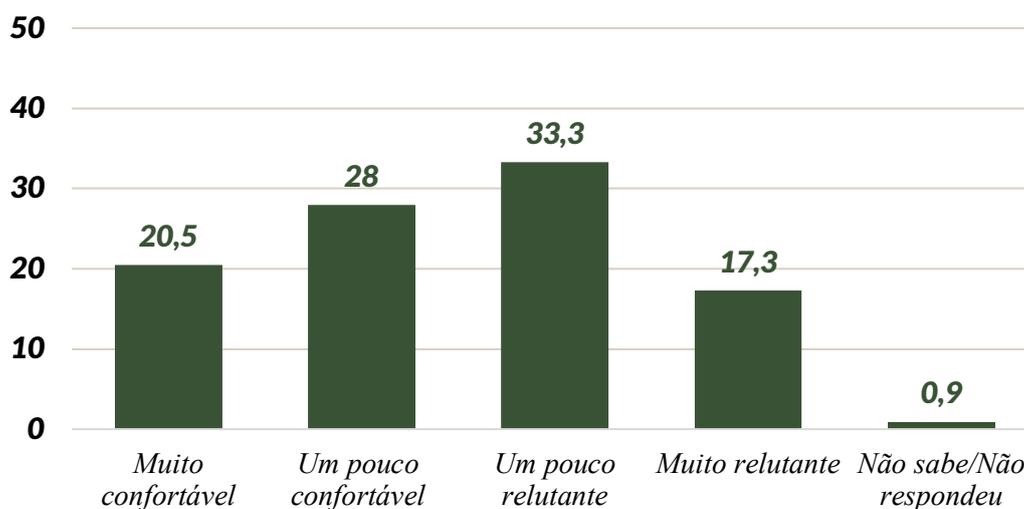
Estudantes que se identificam com a esquerda são os que mais relatam conforto: 73,1% afirmam ter algum grau de conforto ao tratar desses temas, enquanto apenas 27% demonstram algum grau de relutância. Entre os estudantes de direita, o cenário é semelhante, embora um pouco menos expressivo – 65,4% se dizem confortáveis, enquanto 33,9% relatam relutância.

A situação mais preocupante aparece entre os estudantes que se identificam com o centro político: **54,7% relatam algum nível de relutância, superando os 43,1% que se sentem confortáveis.** Esse grupo é o único em que a relutância supera o conforto, o que pode ser um sinal de insegurança quanto à recepção de suas opiniões ou incerteza sobre o próprio posicionamento político.

Esses dados indicam que a disposição para o debate político honesto em sala de aula varia conforme a identificação ideológica, sendo maior entre estudantes de esquerda e menor entre os que se posicionam ao centro. Isso pode refletir não apenas o ambiente político mais polarizado, mas também o grau de segurança subjetiva que cada grupo sente em relação à aceitação de suas opiniões no espaço acadêmico.

Também perguntamos em que medida o estudante se sente relutante ou confortável em discordar publicamente de um professor sobre um tema político controverso, e os dados são alarmantes.

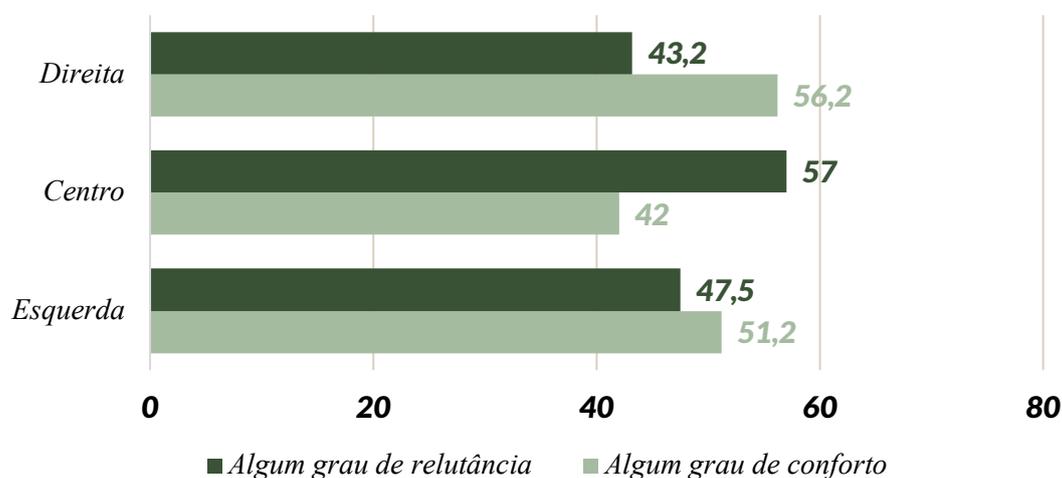
Gráfico 20 – Frequência do quão confortável ou relutante o estudante está em discordar publicamente de um professor sobre um tema político controverso (%)



Os dados mostram que 50,6% dos estudantes afirmam que se sentiriam, em alguma medida, relutantes em discordar publicamente de um professor sobre um tema político controverso. Em contrapartida, 48,5% das pessoas sentem algum nível de conforto em realizar essa ação.

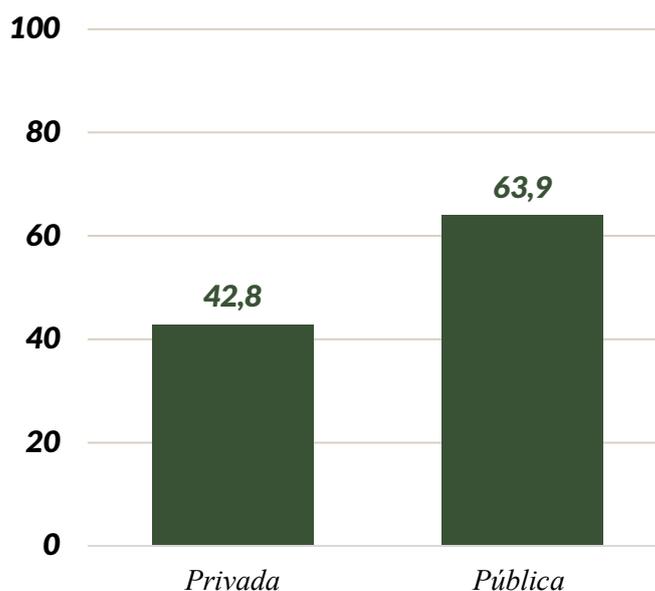
Buscamos compreender algumas nuances a partir da ideologia dos estudantes e verificar se há diferenças na forma como alunos de universidades públicas e privadas percebem essa questão. No que diz respeito à orientação ideológica, entre os estudantes que relataram algum grau de relutância, 57% se identificam com o centro político, 43,6% com posições mais à direita e 47,5% com posições mais à esquerda. Novamente, os dados indicam que o desconforto em expressar opiniões está presente em todo o espectro ideológico, sendo mais acentuado entre aqueles que se posicionam ao centro.

Gráfico 21 – Frequência por ideologia (%)



Quando observamos se há alguma diferença na relutância em discordar dos professores através das instituições, observa-se uma diferença expressiva entre instituições públicas e privadas: 63,9% dos estudantes que relatam essa relutância estão em universidades públicas, enquanto 42,8% são de universidades privadas.

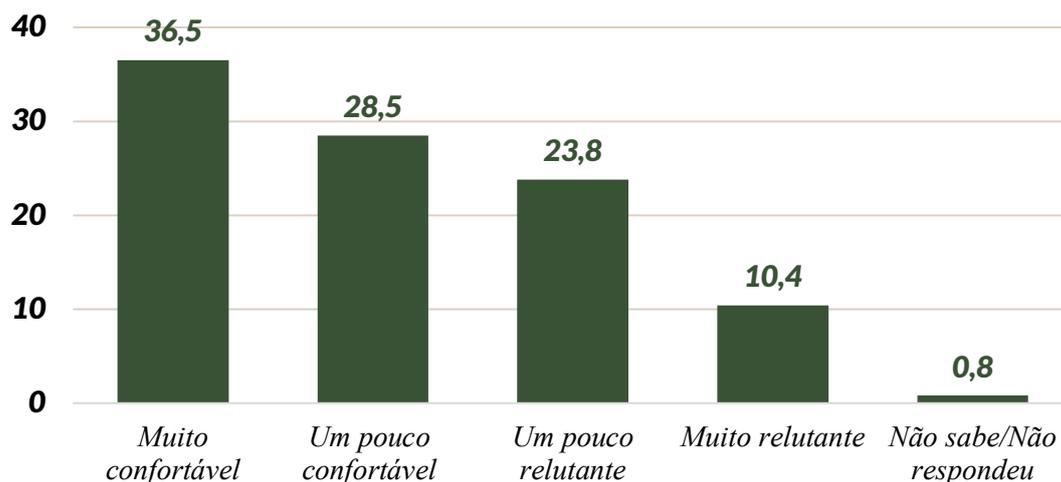
Gráfico 22 – Frequência do grau de relutância para discordar de um professor percebidos por estudantes da universidade privada e pública (%)



Esse dado pode indicar que, nas universidades públicas, há uma percepção de clima mais sensível para o contraditório em temas politicamente controversos quando o interlocutor é uma figura de autoridade, como o professor.

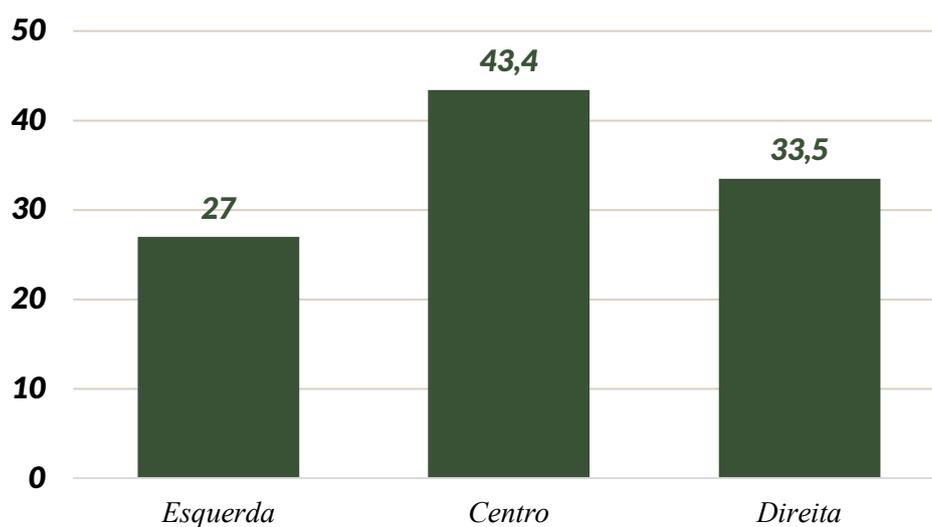
Quando a discussão sobre um tema político controverso ocorre entre estudantes — em espaços comuns da universidade, como pátios ou refeitórios — os dados mostram que **34,2% dos alunos afirmam sentir, em alguma medida, relutância em expressar suas opiniões honestas**. Embora a maioria (65%) ainda relate algum grau de conforto, é significativo que mais de um terço dos estudantes sinta esse tipo de desconforto, mesmo em interações horizontais, ou seja, com colegas, e fora da sala de aula.

Gráfico 23 – Frequência da relutância em expressar suas opiniões sobre um tema político controverso em espaços comuns da universidade (%)



Ao desagregarmos esse dado por orientação ideológica, percebe-se uma diferença importante: **43,4% dos estudantes que relutam em se expressar politicamente em espaços comuns se identificam com o centro**, seguidos por **33,5% com posições à direita** e **27% com posições à esquerda**. Mais uma vez, esses números sugerem que estudantes de centro são os que mais evitam se posicionar politicamente nesses espaços, o que pode estar relacionado a uma sensação de estar “no meio do caminho” em um ambiente polarizado — e, por isso, mais expostos a críticas de ambos os lados. Vale lembrar que os estudantes de centro constituem minoria no ambiente acadêmico, representando 16,7% dos discentes. Sendo assim, isso também pode contribuir para que se sintam mais acuados no ambiente acadêmico.

Gráfico 24- Frequência da relutância em se expressar sobre temas políticos em lugares comuns da universidade por ideologia (%)



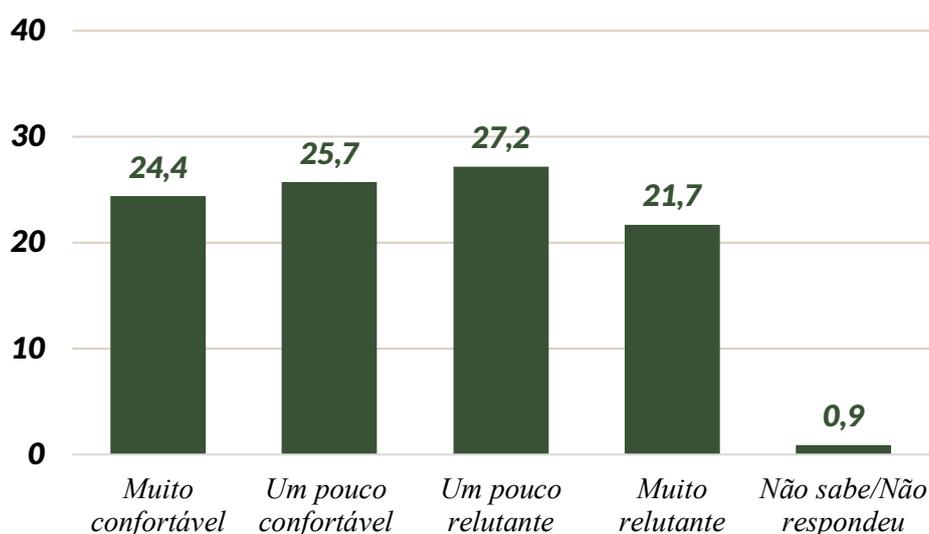
Os estudantes de esquerda, por sua vez, parecem se sentir mais à vontade para expressar suas opiniões em espaços informais da universidade, possivelmente

por perceberem maior alinhamento ideológico no ambiente ou por se sentirem mais legitimados a se posicionar politicamente.

Esses dados reforçam a necessidade de atenção ao clima institucional: se mais de um terço dos alunos se sente limitado em sua expressão política entre pares, isso pode indicar um ambiente universitário menos plural do que se espera de um espaço democrático de formação crítica, como a universidade.

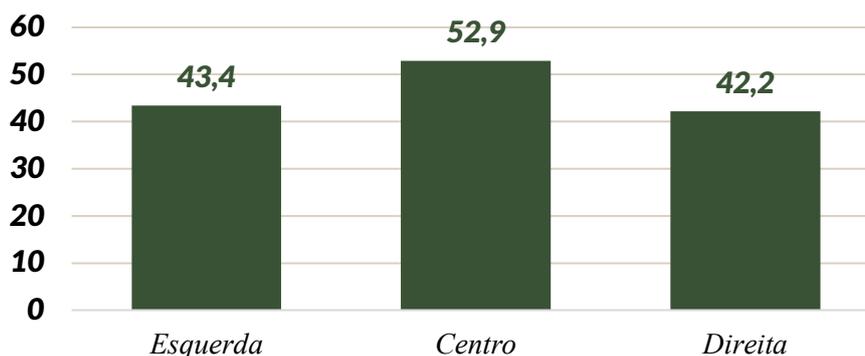
Além disso, quase metade dos estudantes afirmaram que teriam relutância em emitir uma **opinião política nas redes sociais**: 48,9% afirmam que se sentiriam, em alguma medida, relutantes ao expressar uma opinião política impopular para seus colegas de turma em uma conta de mídia social vinculada ao seu nome. É importante enfatizar que 21,7% relatam que se sentiriam **muito relutantes**, conforme apresentado no gráfico abaixo:

Gráfico 25 – Frequência da percepção de conforto ou relutância em expressar uma opinião política impopular nas redes sociais (%)



Estudantes que se autodeclararam de centro, novamente, são os que mais relatam essa relutância: 52,9% afirmam sentir algum grau de hesitação. Entre os estudantes de direita, 42,2% dizem ter algum tipo de relutância, enquanto entre os de esquerda, esse percentual é de 43,4%.

Gráfico 26 – Frequência da percepção de relutância em expressar uma opinião política impopular nas redes sociais por ideologia (%)



Observamos, portanto, que a política é um tema no qual estudantes demonstram maior relutância em expressar suas opiniões. Este resultado é alarmante, considerando que se trata de uma questão transversal na vida de jovens adultos, especialmente envolvidos na universidade. O receio de discutir esses assuntos, tanto com colegas quanto com professores, revela um desconforto generalizado, sobretudo em relação aos docentes, já que metade dos estudantes afirmam ter se sentido relutantes em discordar sobre um tema político com professores. Esse comportamento pode ser motivado por diversos fatores, desde a timidez até a percepção do professor como uma figura autoritária. Um ambiente acadêmico saudável deve promover uma cultura de debate pautada pelo respeito entre estudantes e professores.

Além disso, nota-se uma grande relutância dos alunos em expor suas opiniões nas redes sociais, especialmente quando sabem que seus colegas poderão vê-las. Esse receio é generalizado entre estudantes com diferentes orientações ideológicas, mas se destaca entre aqueles que se identificam com posições mais ao centro, grupo que, de forma recorrente nesta pesquisa, demonstrou maior hesitação em se expressar.

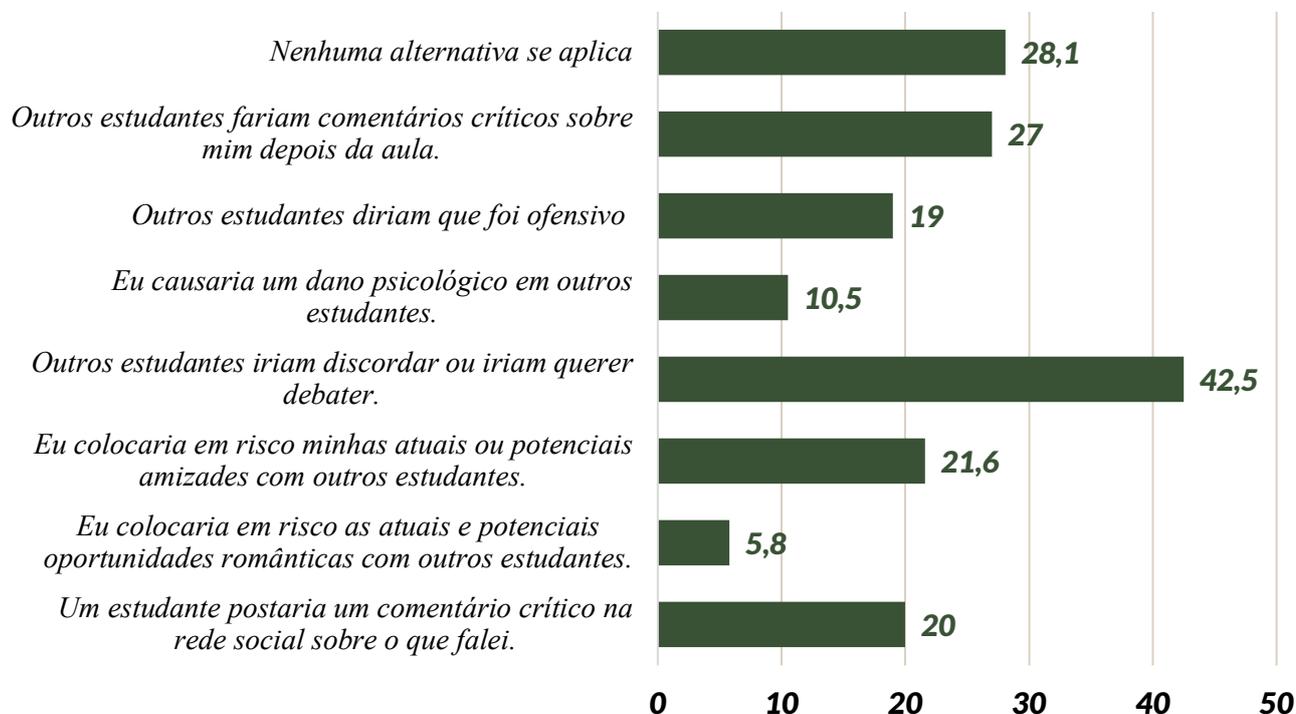
Esse receio generalizado pode estar fortemente associado à chamada “**cultura do cancelamento**”, muito presente nas redes sociais, que busca minar a reputação de quem expressa opiniões consideradas controversas ou impopulares. Um ambiente de vigilância e julgamento pode intensificar a autocensura, dificultando o exercício pleno da liberdade de expressão no contexto acadêmico e virtual.

Possíveis retaliações

Também perguntamos para os estudantes se ficariam preocupados com consequências ou retaliações, seja por parte dos professores ou de seus colegas, caso expressassem sua opinião sincera sobre **algum dos temas controversos citados durante uma aula**. No que diz respeito as consequências que pudessem vir de

outros estudantes, o gráfico 27 revela uma ambivalência no ambiente universitário quanto à disposição para o debate de temas controversos entre estudantes.

Gráfico 27 – Frequência sobre consequências vindas de outros estudantes caso dessem suas opiniões honestas sobre temas controversos em uma aula (%)



Cerca de 42,5% dos respondentes acreditam que, ao expressarem uma opinião honesta sobre temas controversos, outros estudantes iriam discordar ou desejar debater. Esse dado pode indicar uma percepção de abertura ao diálogo e ao confronto de ideias.

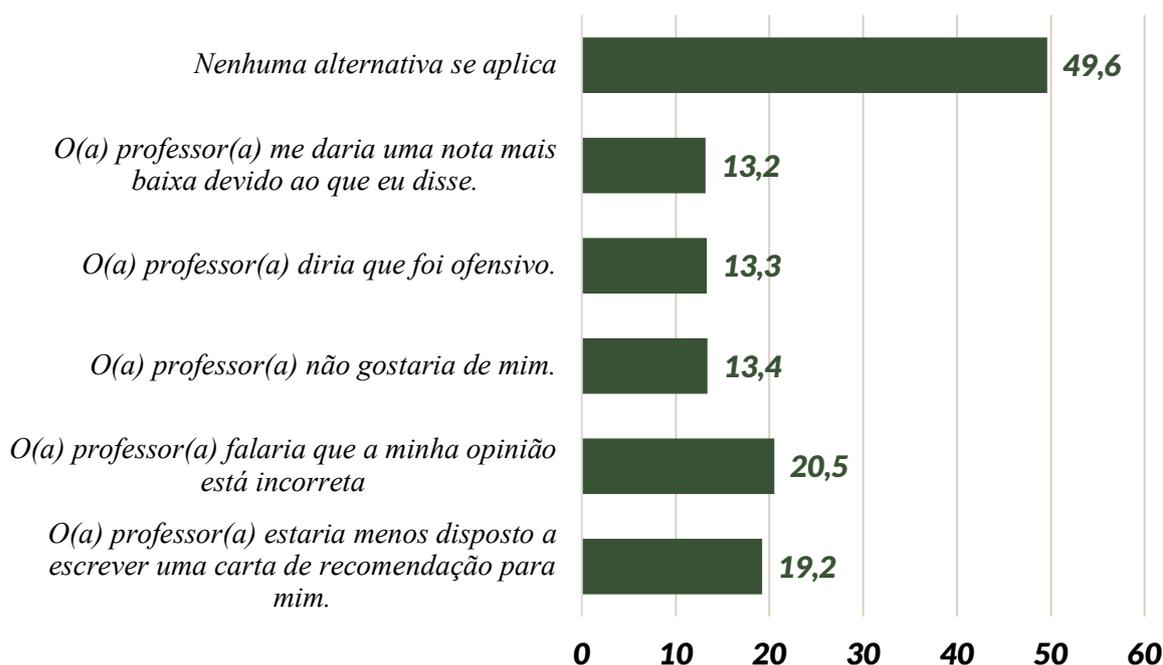
No entanto, os demais indicadores sugerem que essa abertura ao debate é acompanhada de receios:

- 27% afirmam que colegas poderiam fazer comentários críticos sobre eles após a aula
- 21,6% acreditam que poderiam colocar em risco amizades atuais ou futuras ao expressar opiniões honestas
- 20% temem que algum colega poste comentários críticos nas redes sociais sobre o que foi dito em sala

Esses dados indicam que, embora exista uma percepção de espaço para discordância e debate, essa convivência é tensionada por medos de julgamento e isolamento social. Em outras palavras, o debate pode até ocorrer, mas não necessariamente em um ambiente com acolhimento e com uma divergência saudável.

No que diz respeito à **percepção de possíveis retaliações por parte dos professores**, os dados indicam que os estudantes percebem esse risco como **menos frequente** do que no caso das interações com outros alunos. Isso é evidenciado pelo fato de que **quase 50% dos estudantes afirmaram que nenhuma das alternativas de retaliação se aplicava**, sugerindo que muitos não associam diretamente a expressão de opiniões honestas a consequências negativas vindas dos docentes.

Gráfico 28 – Frequência sobre a percepção de retaliação vinda de professores caso dessem suas opiniões honestas sobre temas controversos em uma aula (%)



Ainda assim, uma parcela considerável dos estudantes demonstrou certa cautela quanto à reação dos professores diante de opiniões sobre temas controversos. As opções mais assinaladas foram:

- “O professor diria que minha opinião está incorreta” – assinalada por 20,5% dos respondentes;
- “O professor estaria menos disposto a escrever uma carta de recomendação” – escolhida por 19,2%.

Esses dados sugerem que, embora a maioria dos estudantes não espere represálias diretas dos professores, existe algum nível de desconfiança ou receio em relação à receptividade docente frente a opiniões divergentes.

Diante disso, nossa hipótese inicial – de que os estudantes teriam um receio maior de retaliações vindas de outros estudantes – parece se confirmar, uma vez que o temor de retaliações no meio social estudantil se mostrou mais presente do que em relação aos professores. Os dados indicam que os alunos demonstram

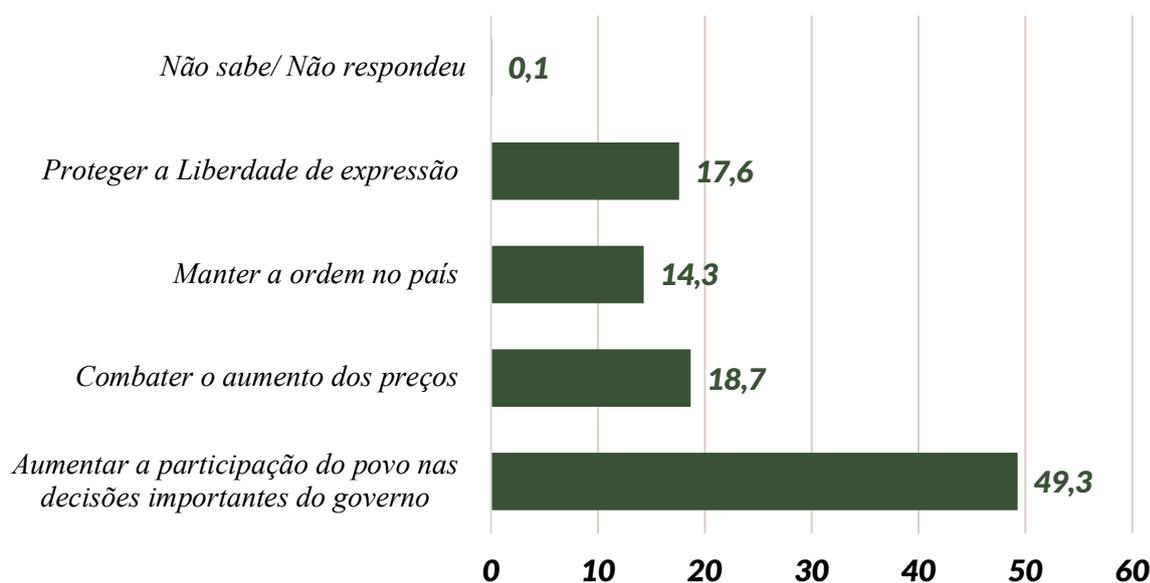
maior preocupação com julgamentos, críticas e consequências sociais vindas de seus pares, como o risco de comentários negativos, prejuízo em amizades ou exposição nas redes sociais, do que com eventuais reações formais ou institucionais por parte do corpo docente.

Priorização da Liberdade de Expressão

Perguntamos aos estudantes quais objetivos o Brasil deveria priorizar nos próximos dez anos. Essa bateria de perguntas integra o bloco que busca compreender a adesão aos valores materialistas e pós-materialistas. Os valores materialistas estão associados a preocupações mais imediatas, como questões econômicas ou de ordem pública, enquanto os valores pós-materialistas estão relacionados a preocupações de cunho político, com foco em liberdades, direitos e qualidade de vida.

Os achados mostram que para 49,3% dos estudantes, aumentar a **participação do povo nas decisões importantes do governo deve ser a prioridade**. O segundo objetivo mais escolhido foi o combate ao aumento dos preços, com 18,7% dos estudantes escolhendo essa opção. Apenas 17,6% dos estudantes consideram que o objetivo mais importante da nação é **proteger a liberdade de expressão**.

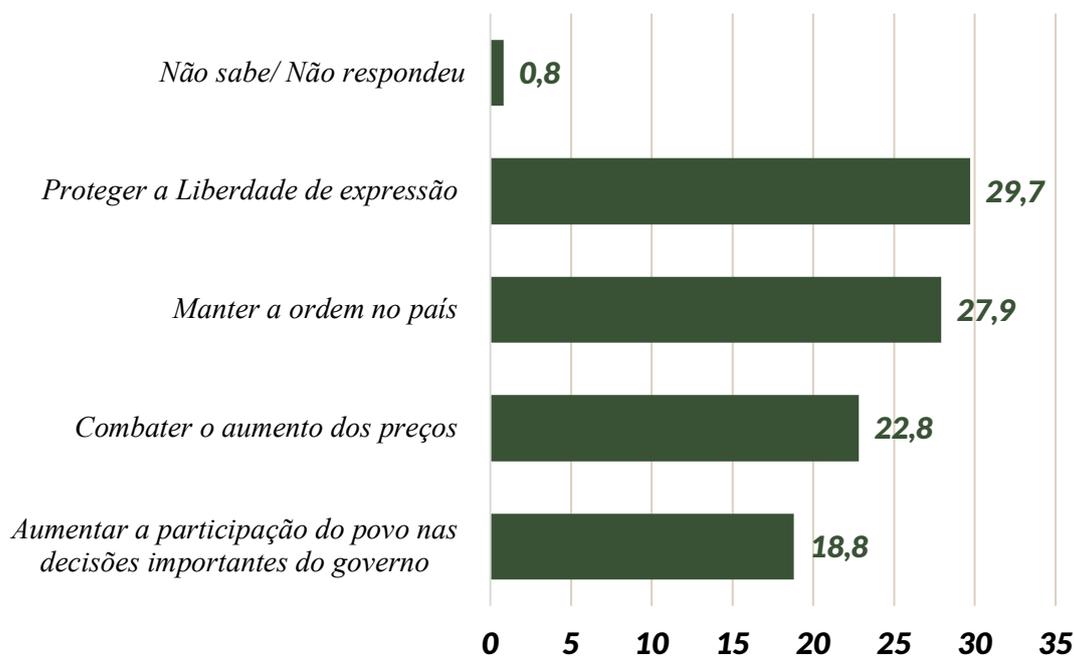
Gráfico 29 - Frequência da prioridade dada a cada objetivo (%)



Perguntamos também, dentre as mesmas opções, qual seria o segundo objetivo mais importante para a nação, e a proteção da liberdade de expressão foi a mais escolhida, com 29,7% dos estudantes indicando essa alternativa. Ainda assim, é importante destacar que 27,9% escolheram como prioridade manter a ordem no país, o que sugere uma preocupação significativa com estabilidade e segurança, valores mais associados a uma visão materialista ou conservadora. Esse dado aponta

para uma tensão relevante entre o desejo de participação e liberdade, por um lado, e a valorização da ordem e controle, por outro.

Gráfico 30 – Frequência do segundo objetivo mais escolhido como prioridade da nação



Diante disso, nota-se que quase metade dos estudantes acredita que o aumento da participação política e social nas decisões do governo deve ser o objetivo mais importante, superando opções mais materialistas, como manter a ordem da nação ou combater o aumento dos preços. Quando perguntados sobre o segundo objetivo mais importante, a opção mais escolhida, por quase 30% dos estudantes, é a proteção da liberdade de expressão. Assim, percebe-se que os estudantes demonstram uma preocupação maior com valores pós-materialistas e valores emancipatórios, o que corrobora a teoria postulada por Welzel (2012), visto que, em sua maioria, são jovens adultos e escolarizados.

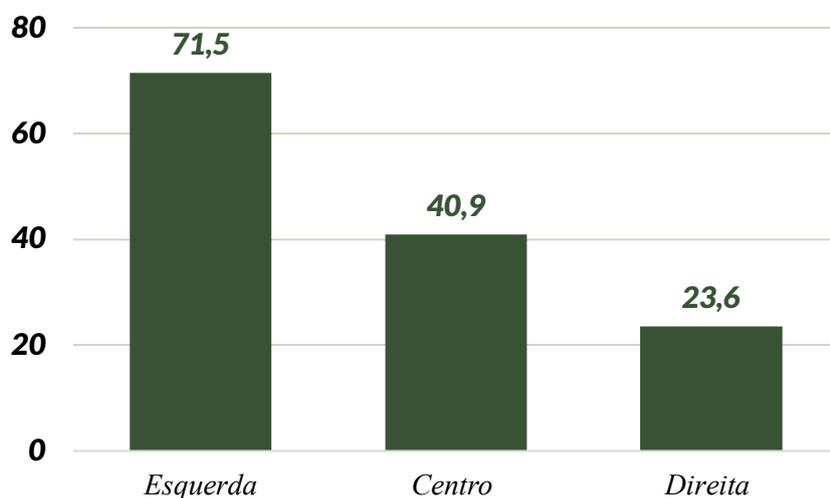
No entanto, chama atenção o fato de que a proteção da liberdade de expressão tenha sido apontada como prioridade apenas secundária, mesmo sendo fundamental para garantir uma participação efetiva nas decisões do governo. **Sem liberdade para expressar ideias, reivindicar direitos e questionar autoridades, não há participação plena nem pluralismo democrático.** A livre circulação de opiniões — especialmente as divergentes — é o que permite que mais vozes sejam ouvidas e consideradas nos processos decisórios. Nesse sentido, o dado sugere uma possível subestimação, por parte dos estudantes, da importância da liberdade de expressão como condição prévia para uma democracia verdadeiramente participativa, o que

pode refletir uma compreensão limitada sobre o papel fundamental desse direito nos regimes democráticos.

Ao avaliarmos a prioridade dos objetivos da nação segundo a orientação ideológica dos estudantes, notam-se diferenças nas preferências declaradas.

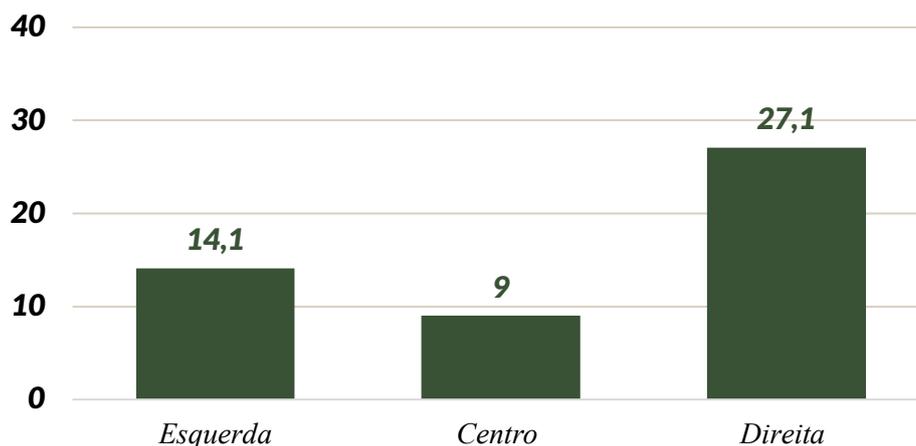
Dentre aqueles que apontaram como prioridade o aumento da participação do povo nas decisões importantes do governo, os estudantes que se identificam com a esquerda foram os que mais escolheram essa opção (71,5%), seguidos pelos do centro (40,9%) e, por último, pelos da direita (23,6%). Esse padrão está em consonância com o histórico de engajamento da esquerda em pautas ligadas à ampliação da participação popular e à democratização das instituições.

Gráfico 31 – Frequência da opção “Aumentar a participação do povo nas decisões importantes do governo” como prioridade por ideologia (%)



Por outro lado, quando se trata da proteção da liberdade de expressão como objetivo prioritário, são os estudantes de direita que mais enfatizam sua importância: 27,1% deles escolheram essa alternativa, em contraste com 14,1% dos estudantes de esquerda e 9% dos estudantes de centro.

Gráfico 32 – Frequência da opção “proteger a liberdade de expressão” como prioridade por ideologia (%)



Isso pode indicar que, para os estudantes de direita, a liberdade de expressão ocupa um lugar central nas preocupações políticas atuais — possivelmente em resposta à percepção de restrições ou censura, tendo em vista os debates acerca da regulação das plataformas, por exemplo, um tema que tem gerado polarização no debate público desde 2022.

Em suma, os dados indicam que os estudantes demonstram preocupação com valores pós-materialistas, especialmente no que diz respeito ao aumento da participação política. Esse interesse revela um engajamento com questões democráticas mais amplas e com a busca por maior representatividade.

No entanto, embora a liberdade de expressão também apareça como um valor reconhecido, não se observa, entre os estudantes, a mesma sensação de urgência em relação a sua defesa. **Esse dado é particularmente relevante quando consideramos que os próprios estudantes de centro — grupo que, segundo os resultados, apresenta maior relutância em se expressar — também não manifestam uma preocupação proporcionalmente maior com esse tema.** Isso pode indicar uma naturalização do desconforto em ambientes de debate ou mesmo uma dificuldade em reconhecer que o clima de autocensura representa um problema mais estrutural no ambiente universitário. Esse contexto pode apontar para uma tensão entre a valorização abstrata da liberdade de expressão e a disposição prática para defendê-la em contextos concretos.

Papel da universidade

Com o objetivo de compreender como os estudantes percebem a função da universidade, pedimos que indicassem, dentre diferentes opções, aquelas que consideram ser as principais finalidades da instituição. A proposta foi captar quais papéis os alunos atribuem à universidade no contexto social, acadêmico e formativo.

Gráfico 33 – Frequência das escolhas sobre a finalidade da universidade (%)



Boa parte dos alunos (85,8%) acredita que o propósito da universidade é fornecer **formação e qualificação profissional**. A segunda opção mais escolhida foi a busca pela inovação e produção de novas tecnologias (47,7%), enquanto a terceira consistiu na busca pela proteção do conhecimento e formação cultural e humanística (47,3%), por fim, a quarta mais assinalada foi a busca pela verdade e a produção de conhecimento, com 43,9% dos estudantes tendo escolhido essa opção.

Os achados estão em consonância com a percepção de que estudantes tendem a enxergar a universidade principalmente como um meio de melhorar suas carreiras pessoais, especialmente em um contexto no qual a universidade é percebida como um fator de mobilidade social. No entanto, é importante ressaltar que, em comparação com outras opções, a busca pela verdade e pela produção do conhecimento tem sido menos valorizada, o que pode indicar um sintoma de fragilidade no cultivo de uma cultura de diálogo.

Quando a universidade é percebida menos como um espaço de debate de ideias voltado à busca da verdade e do conhecimento, a discussão pública e a valorização da pluralidade de perspectivas podem a perder importância.

A universidade deve, sim, ser reconhecida como um instrumento legítimo de mobilidade social, mas é fundamental que essa função esteja equilibrada com sua missão formativa mais ampla, que envolve o compromisso com a pluralidade de ideias, a liberdade acadêmica e o desenvolvimento de cidadãos capazes de contribuir para o fortalecimento da democracia.

Cultura Democrática: Adesão à democracia e participação política

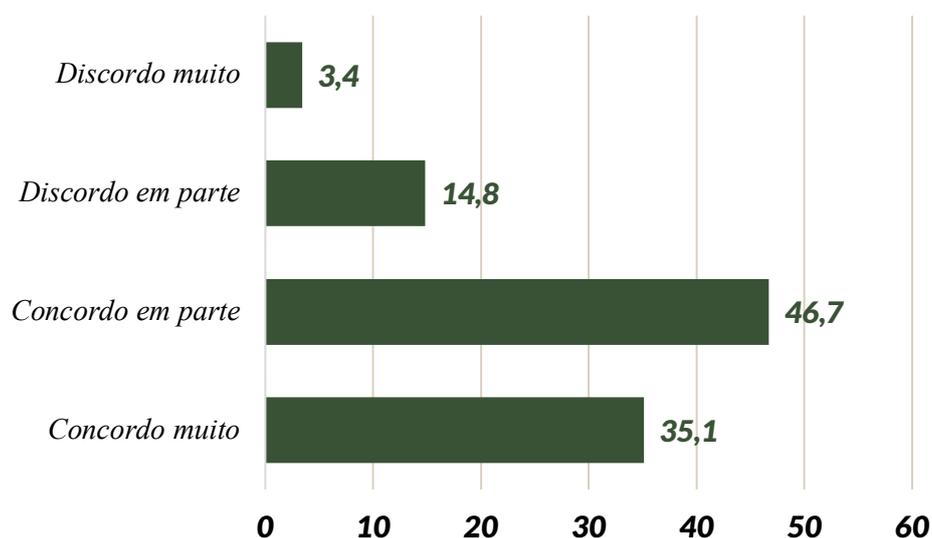
Nesta seção, procuramos identificar as atitudes democráticas dos estudantes, entendendo que uma democracia saudável depende de uma cultura democrática sólida. Nesse sentido, aspectos como adesão aos princípios democráticos,

interesse por política e participação política são fundamentais — especialmente entre os jovens, que estão em uma fase decisiva de formação e engajamento. Por isso, esta pesquisa investigou o compromisso democrático desses estudantes, seu nível de interesse por política e a frequência com que se engajam em atividades políticas e sociais.

A fim de avaliar o compromisso democrático dos estudantes, realizamos duas perguntas complementares. A primeira investigou o nível de concordância com a afirmação: “Apesar dos seus problemas, a democracia é o regime preferível”, buscando medir a adesão declarada ao regime democrático. A segunda abordou a afirmação: “Quando há uma situação de crise, não importa que o governo passe por cima das leis, do Congresso ou das instituições com o objetivo de resolver os problemas e melhorar a vida da população”, indicando a disposição em relativizar os princípios democráticos.

Os resultados mostram que, na primeira pergunta, mais de 80% dos estudantes expressam algum grau de concordância com a ideia de que a democracia é preferível a qualquer outra forma de governo — o que sugere uma adesão aparente ao regime democrático. No entanto, ao cruzarmos as duas variáveis, vemos que esse apoio nem sempre é consistente.

Gráfico 34 – Frequência da adesão à democracia (%)

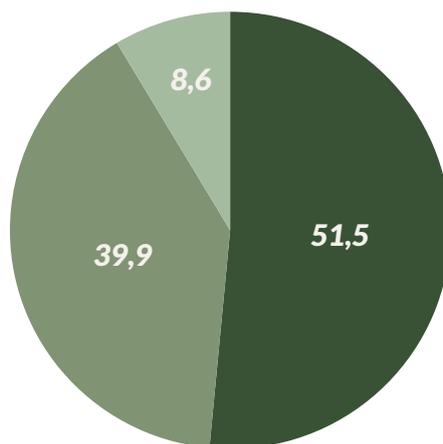


Os dados, no gráfico 35, mostram que apenas 51,5% dos estudantes se enquadram como democratas consistentes, ou seja, afirmam preferir a democracia e rejeitam sua relativização, conforme a tipologia proposta por Inglehart e Welzel (2005). Por outro lado, 39,9% se mostram democratas instrumentais: apoiam a democracia em princípio, mas aceitam que ela seja flexibilizada em contextos de crise,

o que revela uma compreensão condicional do regime. Sendo assim, **embora 80% dos estudantes digam que preferem a democracia, na prática somente 50% possui um compromisso mais forte com o regime democrático.**

Mais preocupante, 8,6% dos respondentes não expressam apoio à democracia e concordam com a ideia de que o governo possa agir acima das leis e instituições, mesmo em regimes democráticos.

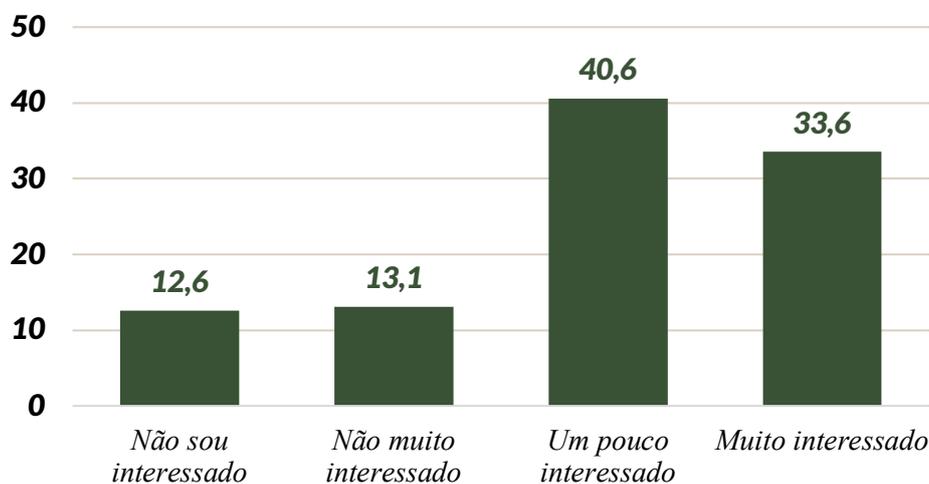
Gráfico 35 – Frequência dos democratas consistentes e instrumentais (%)



■ Democratas consistentes ■ Democratas instrumentais ■ Autoritários

Historicamente, pesquisas de opinião têm mostrado que o interesse por política entre os jovens tende a ser relativamente baixo, refletindo certa distância em relação às instituições políticas tradicionais, partidos e processos formais de participação. No entanto, os dados desta pesquisa revelam um cenário um pouco mais positivo: 74,2% dos estudantes afirmam ter algum grau de interesse por política, sendo que 33,6% dizem ter muito interesse.

Gráfico 36 – Frequência de interesse político (%)

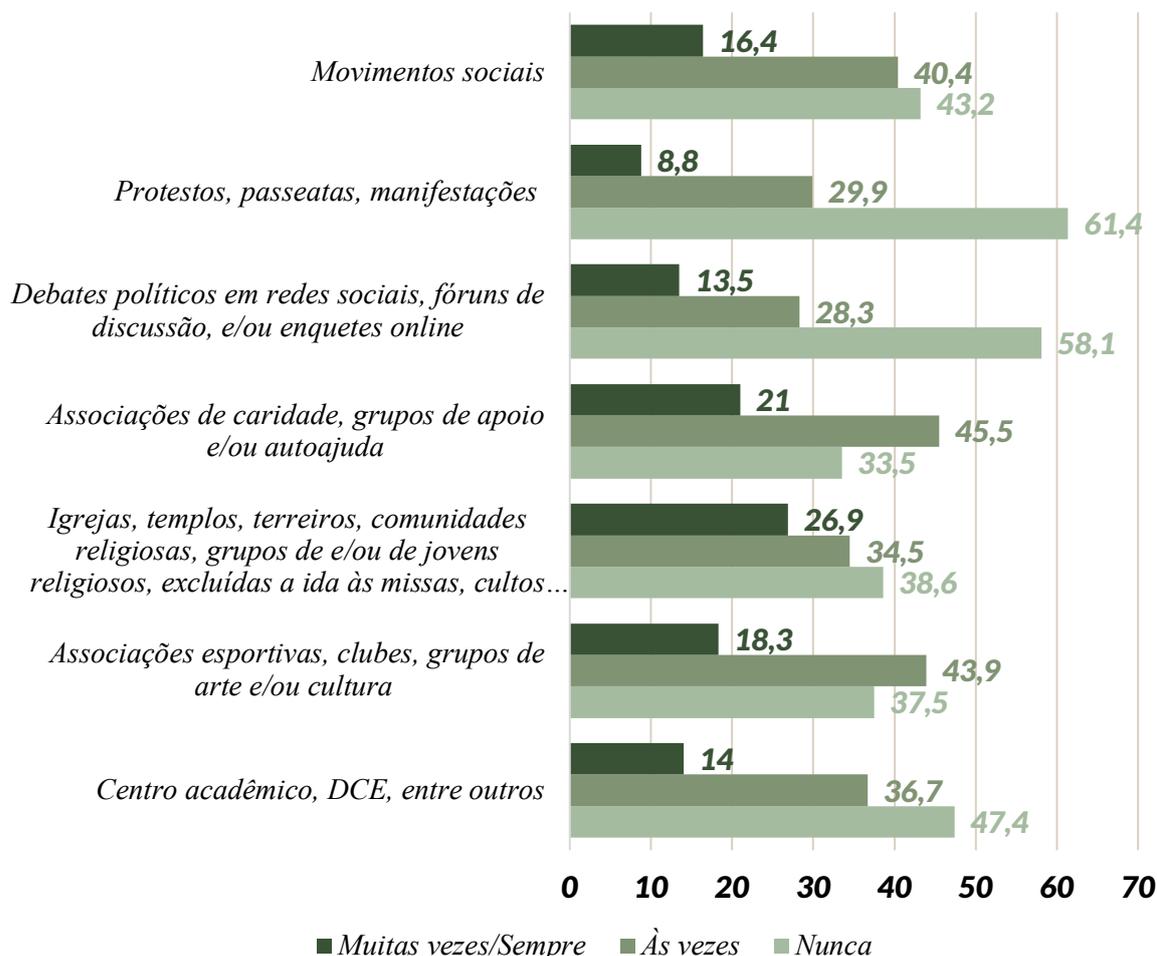


Por fim, perguntamos aos estudantes sobre a frequência com que participam de diferentes tipos de atividades políticas e sociais. Como previsto, os dados confirmam uma tendência geral de baixa participação em atividades políticas tradicionais. Cerca de 61,4% dos estudantes afirmam nunca participar de protestos, passeatas ou manifestações, enquanto 58,1% dizem nunca participar de debates políticos nas redes sociais ou na internet em geral, e 47,4% não se envolvem com centros acadêmicos, DCEs ou entidades estudantis.

Por outro lado, quando se trata de formas de participação social menos diretamente vinculadas ao campo político, os índices são ligeiramente mais elevados. Atividades como participação em movimentos sociais (40,4%), associações de caridade, grupos de apoio ou autoajuda (45,5%) e associações esportivas ou culturais (43,9%) aparecem como espaços onde parte dos estudantes afirma participar "às vezes".

As atividades com maior frequência de participação regular (muitas vezes ou sempre) são aquelas relacionadas a igrejas, templos ou comunidades religiosas, o que pode indicar que esses espaços ainda exercem papel importante como forma de sociabilidade e engajamento para parte dos estudantes.

Gráfico 37 – Frequência da participação em atividades políticas e sociais (%)



Esses resultados reforçam um padrão já observado em outras pesquisas: embora muitos jovens expressem algum interesse por política, isso nem sempre se converte em participação ativa em espaços politicamente estruturados. A preferência por formas de engajamento mais ligadas à dimensão social, comunitária ou religiosa pode refletir tanto uma desilusão com a política institucional quanto a busca por pertencimento em esferas consideradas mais próximas da vida cotidiana.

Um ponto de atenção importante, especialmente no contexto da liberdade de expressão, é a baixa frequência com que os estudantes participam de debates políticos em redes sociais ou na internet em geral – com 58,1% afirmando que nunca o fazem. **Esse dado pode refletir não apenas desinteresse, mas também um ambiente percebido como hostil para a expressão de opiniões políticas, o que dialoga com os demais achados da pesquisa sobre relutância em expressar ideias em ambientes acadêmicos.** A ausência desses estudantes em espaços digitais de debate pode indicar autocensura, medo de retaliação ou desgaste com a polarização – fenômenos que têm impacto direto sobre a qualidade do debate público e a pluralidade de ideias, especialmente entre os jovens.

Percepção sobre a liberdade de expressão acadêmica dos docentes

Como forma complementar à pesquisa quantitativa com estudantes, realizamos entrevistas com uma pequena amostra de professores universitários para coletar suas impressões a respeito do clima de expressão nas universidades.

Entrevistamos professores que já relataram previamente algum caso de retaliação que sofreram ou limitações à sua liberdade de expressão no ambiente acadêmico. O intuito é trazer luz a um fenômeno que, embora não atinja todos os professores, parece ocorrer com maior frequência do que se costuma admitir, especialmente entre aqueles que buscam promover visões plurais e debates mais abertos no ambiente acadêmico.

Ao todo, foram entrevistados 10 professores de diferentes regiões do país (Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul), com predominância de docentes de universidades públicas. Houve também um esforço deliberado para garantir diversidade ideológica, buscando docentes que se identificassem com diferentes espectros políticos. Além disso, seis discentes são das áreas de Ciências Humanas ou Sociais Aplicadas e quatro deles são das áreas de Ciências Biológicas ou Saúde. Para preservar a segurança e o bem-estar dos participantes, suas identidades e instituições de origem foram mantidas em anonimato.

É importante enfatizar que, ainda que a amostra seja pequena, os relatos trazem indícios significativos de um problema sensível: a liberdade de expressão no ambiente universitário. **Esse é um direito fundamental e inegociável em uma**

sociedade democrática, e quando há percepção de que esse direito não pode ser plenamente exercido, isso sugere que a pluralidade de ideias está sendo ameaçada.

As entrevistas foram estruturadas em torno de quatro temas principais:

1. Percepção de autocensura no ambiente universitário;
2. Vivência de episódios de retaliação ou censura, seja por parte de colegas, estudantes ou da instituição;
3. Temas que encontram resistência ou dificuldade de serem debatidos nas universidades;
4. Caminhos possíveis para o fortalecimento da liberdade de expressão e da pluralidade no espaço acadêmico.

Percepção de autocensura no ambiente acadêmico

Perguntamos aos docentes entrevistados a respeito de sua percepção sobre o clima de expressão geral dentro das universidades, bem como sobre a presença da autocensura — isto é, o ato de se abster de se expressar por receio de retaliações de qualquer natureza.

Todos os docentes afirmaram sentir algum grau de relutância em se expressar, seja em sala de aula, com os próprios pares ou até mesmo em redes sociais associadas aos professores.

Os docentes, de todas as ideologias políticas, relataram, em resumo, que as universidades não têm sido espaços para um debate amplo, e que posições divergentes daquelas socialmente aceitas frequentemente não encontram abertura.

A seguir, alguns dos depoimentos dos professores e professoras sobre essa questão:

“Cresceu a liberdade, mas há pouca diversidade de opinião e tolerância com opiniões dissidentes, sobretudo conservadora.”

“Vivi a ditadura militar quando criança, minha mãe escondia pessoas que eram contra o regime militar e nunca achei que veria uma situação de censura novamente; nunca vi uma situação tão difícil como a que estamos vivendo agora, atrapalha o progresso da universidade”

“Essa censura é sutil, mas é até pior porque você nunca sabe o que esperar, você não tem a figura do censor. A

autocensura é pior porque você não quer nem tentar falar.”

“A universidade não é universal, não é foro de debate de ideias, não se permite o contraditório, não é para todos”

“Não sinto, na condição de docente, livre para expressar as minhas opiniões – e às vezes não são só opiniões, mas ciência mesmo. Às vezes você precisa falar de uma forma especial, pisando em ovos, para trazer um assunto específico, mesmo sendo ciência.”

Os depoimentos dos docentes entrevistados evidenciam um cenário preocupante em relação à liberdade de expressão nas universidades, especialmente para aqueles que expressam visões consideradas dissidentes ou fora do consenso dominante.

Os relatos sobre autocensura, ambientes hostis ao contraditório e a percepção de que a universidade tem deixado de ser um espaço plural revela que, embora a liberdade formal de expressão exista, na prática ela tem sido restringida por pressões sociais, institucionais ou simbólicas. Alguns professores relatam a necessidade constante de agir com muita cautela em suas falas, mesmo ao tratar de conteúdos científicos, o que mostra como até o discurso técnico tem sido afetado.

A ausência de espaço para o contraditório e a negação da universidade como “foro de debate” indicam que a diversidade de ideias, um dos elementos centrais do ambiente acadêmico, está sendo enfraquecida. Como apontado por um dos entrevistados, a percepção é que censura atual não se dá por mecanismos explícitos, mas por formas difusas que, justamente por serem menos visíveis, tornam-se ainda mais difíceis de combater.

Casos de retaliação

Perguntamos aos entrevistados se já haviam enfrentado algum caso de retaliação – seja por parte de alunos, colegas ou da administração – em razão da expressão de ideias dissidentes. **Seis dos dez professores relataram que sim, mencionando episódios que resultaram em denúncias anônimas feitas por estudantes ou em processos administrativos.**

As causas desses processos ou denúncias se deram por diversos motivos: opiniões expressas em sala de aula e nas redes sociais do docente, e até mesmo devido a uma proposta de um curso de extensão que visava trazer um debate sobre a ideologia de gênero. **As controvérsias foram principalmente sobre temas relacionados à população transgênero, bem como a respeito das medidas de**

enfrentamento da pandemia. Os professores alegam, em muitos casos, terem dado suas opiniões com base em dados e evidências.

Pelo menos **quatro professores que sofreram retaliações tiveram que passar por processos administrativos ou disciplinares e relataram a percepção de que a condução desses processos não foi imparcial nem seguiu adequadamente o regimento das universidades.** Em um dos casos, o docente em questão relata que a abertura do processo disciplinar se deu por uma denúncia anônima, que durou meses sem qualquer prova concreta. Nesses casos, os professores mencionam que comitês são formados pela própria universidade, mas não apresentam pluralidade de pensamento, o que compromete a idoneidade do processo.

Na maior parte dos casos, esses processos acabam sendo arquivados por falta de provas consistentes, mas em pelo menos dois deles, os docentes relatam problemas psicológicos decorrentes do desgaste emocional, culminando, em um dos casos, no afastamento da universidade e na mudança de instituição.

Mesmo entre os outros quatro docentes que não relataram ter sofrido retaliações diretas, houve menções a pressões vindas de outros espaços, como dentro do próprio sindicato ou em processos seletivos para docentes. Esses professores afirmam recorrer a um grau ainda maior de autocensura para conseguir transitar nesses ambientes, percebendo que nem sempre podem expressar suas opiniões políticas quando estas divergem do pensamento predominante.

“A depender do ambiente ou do projeto em que se está inserido, você não pode — ou então precisa avaliar se é ou não pertinente dar opinião, ou se pode ou não -- se expressar.”

A docente em questão é sindicalizada e afirma não sentir, dentro do sindicato, liberdade para expressar suas opiniões sem ser taxada como preconceituosa ou sem que digam que está errada. Enfatizando que não ocorre um debate saudável.

Ainda, há um docente que relatou ter sofrido, em alguma medida, uma injustiça durante um processo seletivo para docência, por ter emitido uma opinião ligeiramente contrária ao que se esperava sobre um episódio político. O docente relata que, embora não tenha sido eliminado do processo, percebeu ter recebido uma nota significativamente baixa na entrevista.

Os demais docentes relatam observar a situação de outros professores em suas instituições que sofreram retaliações e acabaram sendo afastados sob atestado de burnout e complicações psicológicas.

“Há em torno de 200 professores afastados por questões médicas e em torno de 50% em ordem psicológica [na universidade em questão], muitos

professores afastados por sofrimento psicológico, burnout, e muitos por se sentirem ameaçados ou perseguidos por alunos.” Aponta um dos docentes.

Temas nos quais há relutância para o debate

Dos docentes que entrevistamos, a maioria possui pelo menos uma década ou mais de carreira e relata que essa dificuldade para a expressão de diversas ideias não começou agora, embora muitos tenham apontado que vem se intensificando.

Os professores começam a relatar os primeiros episódios a partir de 2010, quando temas políticos passaram a ganhar mais relevância. **Dentre os principais temas sobre os quais os discentes relatam relutância para um debate livre e respeitoso, destacam-se: a questão do transativismo, questões raciais, a pandemia – como a discussão do passaporte vacinal e do uso de máscaras –, e bibliografias apresentadas nas ementas.** Grande parte dos professores endereça o problema a uma agenda mais identitária que tem ganhado espaço nas universidades e impedido que o debate ocorra:

“Eu sou a favor da dignidade humana, minha luta é contra o capitalismo, sou a favor de pautas progressistas. No entanto, hoje tudo tem um lado; por conta do identitarismo, que se tornou um dogma, não podemos debater.”

“Nós somos seres sociais e, portanto, atravessados por muitas questões, mas de repente, essas questões te definem. E existe, por parte desses grupos, a pretensão de que aquilo que dizem os integrantes dessas minorias seja a regra acerca daquele assunto estudado.”

Alguns professores relatam, ainda, a alta politização da universidade:

“O papel de universidade, que deveria ser a produção de conhecimento de alto nível, se torna um lugar de se fazer somente política”.

“Esse é um problema antigo [...] Eu acho que a causa são os anos 60, em particular o movimento contracultural. Uma das lições que eu tiro dos eventos é que as sociedades modernas são mais fracas do que pensávamos, e a universidade é uma coisa particularmente frágil. Os jovens atacam o fundamento moral que é a tolerância; não há ensinamento na acepção mais elevada do termo. A política transbordou – isso está ligado à contracultura – a política contaminou todas as esferas da

sociedade. O conhecimento virou arma militante e não tem espaço para o divergente, que é um inimigo e logo precisa ser eliminado.”

Os depoimentos relatam dificuldades até mesmo para realizar debates científicos. Pelo menos quatro professores relataram a dificuldade de estabelecer debates embasados em evidências. Alguns depoimentos ilustram isso:

“Quando você fala de cota trans, não tem evidência e justificativa baseada em números ou dados. Entendo quando se fala nas dificuldades de mulheres negras e indígenas. É algo a se considerar, tem uma representatividade para a região. Mas outras coisas colocam goela abaixo sem discussão, sem embasamento em dados.”

“Nem sempre a maioria tem a razão, a ciência não é baseada em consenso, ela é baseada na verdade.”

Dois docentes relataram que tentaram realizar um debate sobre o uso de máscaras e sobre as evidências acerca da sua ineficácia para a contenção de vírus, mas acabaram encontrando grandes obstáculos para dar seguimento.

Além disso, especialmente os docentes que lecionam na área das Ciências Humanas e Ciências Sociais Aplicadas relatam que os estudantes questionam frequentemente as bibliografias apresentadas em aula, recusando-se a fazer as leituras, devido à falta de representatividade de grupos minoritários ou de fontes decoloniais.

Os professores destacam que, embora o questionamento sobre a representatividade seja legítimo, é fundamental que esse debate se apoie em um sólido embasamento teórico e empírico. Essa ausência ou sub-representação de determinados grupos não implica que os referenciais teóricos existentes sejam inválidos ou irrelevantes.

Portanto, antes de se avançar para o questionamento crítico das referências e teorias vigentes, torna-se necessário compreender o percurso histórico e epistemológico que moldou o conhecimento científico até o momento.

Sendo assim, conforme os professores, observa-se que as pautas identitárias têm se configurado como um obstáculo à livre expressão, na medida em que podem inibir o diálogo com perspectivas divergentes e restringir o direito de fala apenas àqueles que são considerados detentores do “lugar de fala”.

Autocensura dos alunos

Os docentes também comentaram que percebem que os alunos frequentemente não se envolvem em debates na sala de aula. Essa percepção é congruente

com os dados encontrados, nos quais pelo menos 40% dos estudantes relatam se autocensurar em conversas com professores.

Uma das docentes da área de Ciências Biológicas e da Saúde relatou que procura manter um ambiente seguro dentro da sala de aula, afirmando aos estudantes que podem expressar opiniões controversas para o debate. No entanto, percebe que isso não ocorre com frequência, observando que os alunos evitam discordar em sala e acabam recorrendo a denúncias anônimas quando não concordam com algo. A docente acredita que isso possa estar relacionado ao medo de receber notas baixas ou da reprovação.

Outra docente, também da área Ciências Biológicas e da Saúde, apontou que percebe os alunos mais acuados para o debate, mesmo reiterando que aquele é um espaço livre. Ela relata que:

“Acho que, mais do que timidez, falta maturidade e competência emocional para sustentar o debate. Pode ser medo do professor, mas acho que isso não é algo da personalidade da pessoa, mas sim da geração. O medo pode vir não da figura de autoridade do professor, mas sim da maturidade”, aponta a docente.

Esses relatos indicam que a relutância dos alunos em participar de debates pode ir além de simples timidez, envolvendo também questões relacionadas à maturidade emocional e ao receio de consequências acadêmicas. Tal cenário revela desafios para a construção de ambientes educacionais verdadeiramente seguros e abertos ao diálogo crítico, fundamentais para o desenvolvimento do pensamento crítico e da liberdade de expressão.

Caminhos para o fortalecimento da pluralidade e da liberdade de expressão acadêmica

Boa parte dos docentes expressou pessimismo em relação aos caminhos para a melhoria do ambiente acadêmico. No entanto, apontam alguns caminhos possíveis, sendo um dos primeiros o reconhecimento da existência de um problema relacionado à falta de pluralidade de ideias no ambiente acadêmico. Como um dos depoimentos evidencia:

“[...] se nem a universidade reconhece que isso é um problema, não temos o que fazer. As mudanças na política vão acabar alterando a universidade de fora para dentro, como ocorre nos EUA. A única coisa que podemos fazer é tentar, com os nossos pares, verificar se para a comunidade isso é um problema. Se a comunidade verificar que isso não é um problema, [...] não há o que ser feito.”

Além disso, os docentes ressaltam que a mudança nas reitorias das universidades é fundamental:

“Enquanto não houver uma pessoa acadêmica, responsável e comprometida com contraditório na universidade, não haverá mudanças.”

Alguns também apontaram para a necessidade de uma pressão externa, da própria sociedade e da política, para que a universidade, sobretudo a pública, seja um ambiente de pluralidade. Um docente destaca que a universidade pode ruir se não houver pluralidade de pensamentos:

“A universidade pode falir se não tivermos essa pluralidade, ela pode se corromper. Para a formação humana, não há nada melhor do que a diversidade de pensamento. Hoje, a gente deveria ter professores universitários diversos.”

Os relatos indicam que o fortalecimento da pluralidade e da liberdade de expressão acadêmica depende do reconhecimento coletivo da problemática, da liderança comprometida nas instituições e do engajamento externo da sociedade e da política. Sem essas condições, a universidade pode correr o risco de perder sua vitalidade e sua capacidade formativa, comprometendo seu papel essencial na promoção da diversidade de pensamento e do desenvolvimento humano.

5.0

Considerações finais

A pluralidade e a livre expressão de ideias são a base de um diálogo saudável, que promove o conhecimento e fortalece o regime democrático. Esses elementos são fundamentais em todas as instituições democráticas, mas especialmente na universidade, que deve ser um espaço para o debate crítico e a formação cidadã. Foi essa compreensão que nos motivou a investigar a percepção de estudantes e docentes sobre o clima de expressão nas universidades brasileiras.

Como parte desse esforço, buscamos entender como a liberdade de expressão é percebida no ambiente universitário a partir da perspectiva dos estudantes. Observamos que, embora uma parte significativa dos estudantes não identifique grandes obstáculos para se expressar ou discutir temas controversos, também há uma parcela considerável que relata algum nível de relutância em abordar certos assuntos. Além disso, muitos admitem recorrer à autocensura, seja por receio de retaliações sociais, como o isolamento, seja por medo de consequências mais concretas em sua trajetória acadêmica.

Há dados preocupantes em relação à percepção dos estudantes sobre a liberdade de expressão no ambiente universitário. **Os achados revelam um cenário significativo de relutância e autocensura entre estudantes.** Mais de 47% afirmam evitar discutir temas controversos em sala de aula, enquanto 36% relatam se autocensurar em conversas com colegas e 40,7% durante discussões em sala de aula. Entre os assuntos mais sensíveis, o tema da política é um dos que gera mais receio, com 39,3% dos estudantes relatando relutância em expressar suas opiniões honestamente no ambiente acadêmico. Esse comportamento também se reflete nas redes sociais: 48,9% dos estudantes afirmam ter algum grau de hesitação ao publicar uma opinião política impopular vinculada ao próprio nome, sendo que 21,7% se sentiriam muito relutantes.

Quando analisamos os dados por orientação ideológica, percebemos que, embora esse receio seja generalizado, ele é mais acentuado entre estudantes que se posicionam no centro do espectro político — grupo que representa cerca de 16% da amostra. Essa realidade pode ser compreendida à luz da teoria da “espiral do silêncio”, de Scheufle e Moy (2000), segundo a qual indivíduos que compartilham opiniões percebidas como minoritárias tendem a se autocensurar com mais frequência. Neste contexto, ideologias minoritárias são entendidas como pensamentos heterodoxos — definidos por Norris (2023) como ideais defendidos por minorias culturais que divergem da perspectiva dominante em determinado ambiente. É

importante destacar que essa percepção de ser minoria não é determinada de forma objetiva, mas sim subjetivamente, a partir da visão do próprio indivíduo sobre o ambiente em que está inserido.

Também observamos a presença do medo de cancelamento entre os estudantes. O termo cultura do cancelamento é compreendido, com base nas contribuições de Norris (2023), como "um clima de intimidação que silencia discursos considerados depreciativos, hostis, factualmente incorretos ou moralmente ofensivos". Essa dinâmica se reflete nos dados da pesquisa, que indicam que quase um terço dos estudantes afirma ter receio de que colegas façam críticas após a aula, o que poderia comprometer amizades ou resultar em comentários negativos nas redes sociais, especialmente quando opiniões sobre temas controversos são expostas.

Sendo assim, é preocupante que esses fenômenos estejam presentes no ambiente acadêmico, ainda que afetem apenas uma parcela dos estudantes. Vivemos em uma sociedade marcada pela polarização afetiva — isto é, por sentimentos de animosidade entre grupos com visões divergentes —, o que, no contexto acadêmico, pode inibir o debate saudável e comprometer a pluralidade de ideias, pilares fundamentais para a produção do conhecimento e a formação crítica dos estudantes.

No que diz respeito às entrevistas com os dez professores, todos relataram algum nível de relutância ou mesmo autocensura no ambiente acadêmico. Pelo menos seis deles afirmaram ter sofrido retaliações diretas por expressarem ideias dissidentes — ainda que embasadas em evidências científicas —, o que resultou em denúncias anônimas, processos disciplinares e até no afastamento de dois docentes, sendo um deles sob alegação de saúde mental. Além disso, os docentes relataram pressões indiretas, como em relação com os sindicatos ou durante processos seletivos para docentes, apontando que a diversidade de pensamento nem sempre é bem-vinda.

Os temas que mais despertam relutância são, em geral, ligados a pautas identitárias, como o transativismo e o movimento negro, além de questionamentos sobre as bibliografias utilizadas nos cursos de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Em cursos da área de Biológicas e Saúde, a dificuldade recai especialmente sobre debates relacionados às medidas adotadas durante a pandemia de Covid-19. Professores relatam que a tentativa de promover discussões baseadas em evidências frequentemente encontra barreiras, mesmo quando o objetivo é esclarecer os fundamentos científicos das decisões.

Por fim, acreditamos ser fundamental que o valor da liberdade de expressão — especialmente no meio acadêmico — seja não apenas defendido, mas também praticado. **A universidade precisa continuar sendo um espaço plural, seguro e**

aberto à divergência, onde o debate respeitoso e fundamentado sirva como motor para o avanço do conhecimento.

Uma das estratégias pode ser resgatar a ideia da universidade como um espaço dedicado à busca pela verdade. Quando o objetivo principal do debate não é vencer uma disputa, mas aprofundar o conhecimento, a discordância deixa de ser uma ameaça e passa a ser um recurso valioso.

Além disso, essa busca pode reforçar a legitimidade da universidade, na medida em que ela não se orienta por um entendimento homogêneo, mas sim pela valorização da pluralidade de ideias que conduzem ao conhecimento.

Esse processo também favorece **o cultivo da humildade intelectual**, isto é, o entendimento de que ninguém detém todas as respostas e que, eventualmente, pode estar equivocado. Por fim, tal postura fortalece a liberdade acadêmica, ao permitir que se vá além de amarras ideológicas e intelectuais, abrindo espaço para o pensamento crítico e a inovação.

Neste sentido, **o incentivo à criação de uma cultura de confiança e diálogo desde o início da graduação é fundamental.** Isso exige mais do que regras ou códigos de conduta: é necessário desenhar espaços institucionais regulares e seguros para o debate, com grupos pequenos de discussão, mentorias, cafés com professores e rodas de conversa. Nesses contextos, a ênfase não deve ser somente sobre “convencer” o outro, mas sobre ouvir com abertura ao contraditório. Tais espaços devem ser mediados com intencionalidade para garantir que estudantes de diferentes perspectivas sintam-se verdadeiramente ouvidos, mesmo quando optam por não mudar de opinião.

A título de exemplo, merece destaque a experiência da Universidade de Chicago, que ficou conhecida por seu compromisso com a liberdade de expressão e a liberdade acadêmica. Desde o processo de admissão, os estudantes têm acesso à *Chicago Statement*, um documento que afirma que o livre debate de ideias é um valor importante para a instituição. Esse compromisso não é apenas formal, a universidade estimula encontros entre departamentos para a discussão de temas controversos, promove fóruns sobre discursos polêmicos e investe em ações para que a escuta respeitosa se torne parte da cultura cotidiana.

Ainda, é preciso investir em uma educação para a democracia, embasada em virtudes, que tenha início desde o ensino fundamental. Muitos estudos na área de comportamento político evidenciam a importância de que competências socio-emocionais e virtudes cívicas sejam ensinadas ainda em tenra idade. **Habilidades como o diálogo, a escuta ativa, a retórica e a abertura ao contraditório podem ser praticadas desde cedo.** Essa formação prepara os jovens não apenas para se expressarem com clareza, mas também para **tolerar a discordância e valorizar a diversidade de ideias como fatores importantes para a democracia.**

Enfim, a promoção da liberdade de expressão nas universidades exige tanto a prática quanto a compreensão desse direito. A pesquisa de 2023, realizada junto à população pelo Instituto SIVIS, mostra que os cidadãos aparentam ter pouco conhecimento sobre a liberdade de expressão e seus limites previstos na lei. Sendo assim, compreender o que significa esse direito, e sua importância é tão necessário quanto garantir que todos possam exercê-lo.

Diante disso, torna-se urgente o fortalecimento da liberdade de expressão como valor fundamental, não apenas para garantir um ambiente acadêmico saudável e democrático, mas também como um caminho necessário para o fortalecimento da própria democracia.

6.0

Referências

INGLEHART, Ronald; WELZEL, Christian. *Modernization, Cultural Change and Democracy: The Human Development Sequence*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

INSTITUTO SIVIS. *A primeira liberdade em debate: Perspectivas da população e do Congresso Nacional sobre a liberdade de expressão no Brasil*. Curitiba, 2023.

NORRIS, Pippa. Cancel Culture: Heterodox Self-Censorship or the Curious Case of the Dog-Which-Didn't-Bark. *SSRN Electronic Journal*, 2023. doi: 10.2139/ssrn.4516336.

SCHEUFELE, D. A.; MOY, P. Twenty-five years of the spiral of silence: a conceptual review and empirical outlook. *International Journal of Public Opinion Research*, v. 12, n. 1, p. 3–28, 2000. <https://doi.org/10.1093/ijpor/12.1.3>

WELZEL, Christian. *Freedom Rising: Human Empowerment and the Quest for Emancipation*. 1. ed. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2013.



Rua Mauricio Caillet, 47
80250-110 / Curitiba, PR

VOXIUS.ORG